

SUL

18



EXPEDIENTE

SUL

Revista do Círculo de Arte
Moderna

Ano V — Florianópolis, Dezembro
— 1952 — N.º 18

CAIXA POSTAL, 384

Florianópolis — Santa Catarina —
Brasil

Diretor:

Dr. Anibal Nunes Pires

Secretário:

Walmor Cardoso da Silva

Redatores:

Doralécio Soares, Eglê Malheiros,
Élio Balstaetd, Fúlvio L. Vieira,
Humberto Paz, Hugo Mund Jr.,
J. P. Silveira de Sousa, Luis Santos,
Marcos de Farias, Odílio Malheiros Jr.,
Ody Fraga, Osvaldo F. Melo (filho),
Pedro T. Taulois, Salim Miguel.

Sul acolherá em suas páginas,
com a maior simpatia, toda a co-
laboração enviada, de qualquer
parte do Brasil, especialmente dos
jovens, se reservando porém o di-
reito de escolha para publicação.

Os originais, mesmo não aceitos,
ficam na Redação.

Todos os artigos são assinados e
decorrem, as responsabilidades, de
seus autores.

Todo e qualquer livro dirigido
a esta revista, independentemen-
te de crítica assinada, será regis-
trado.

Desejamos manter contacto e
permuta com outras publicações.

Preço por exemplar: Cr\$ 5,00

Assinatura Anual (4 números)
Cr\$ 20,00 — Registrado — Cr\$ 22,00

As assinaturas podem ser pedi-
das diretamente à direção, por va-
le postal ou carta registrada com
valor declarado.

NOSSA CAPA — "A Construção" — Composição de Hugo
Mund Jr.

REPRESENTANTES:

No Brasil

Pôrto-Alegre (Rio G. do Sul)
Antônio da Silva Filho
R. Joaquim Nabuco, 126

Curitiba (Paraná)
Rogério Chatagnier
R. Dr. Keller, 384

São Paulo (São Paulo)
Ruy Brand Corrêa
R. Baroneza de Itú, 336

Distrito Federal (Rio de Janeiro)
Dr. Hamilton V. Ferreira

Salvador (Bahia)
Vasconcelos Maia
R. Democratas, 9

Recife (Pernambuco)
Walmir Maranhão
R. do Peixoto, 368

João Pessoa (Paraíba)
Geraldo Sobral de Lima
Rua Duque de Caxias, 413

Natal — R. G. do Norte
Aluizio Furtado de Mendonça
Av. Rodrigues Alves, 696

Teresina (Piauí)
O. G. Rêgo de Carvalho
R. Lisandro Nogueira, 1223

No Exterior

Lisbôa — Portugal
Octávio Rodrigues de Campos
Rua Edison, 5 — 2.º. E.

Faro — Algarve (Portugal)
Dr. Manuel Pinto

Nampula — África O. Portuguesa
Augusto dos Santos Abranches

Montevideo (Uruguay)
Matilde D'Espaux

Buenos Ayres (Argentina)
Blanca Terra Vieira

U. S. A.
Richard M. Morse

Ao completarmos mais um ano, quando nova etapa se inicia, queremos agradecer a todos os que, de uma forma ou doutra, nos têm auxiliado.

Ao Senhor Governador do Estado e ao seu secretário particular escritor Nereu Corrêa, ao senhor Secretário do Interior e Justiça, Educação e Saúde, ao Diretor da Imprensa Oficial, ao chefe de oficinas Faria, ao paginador Celso Vieira, ao Doralécio Soares, chefe da clicherie, aos linotipistas, impressores, ao pessoal da secção de encadernação, aos anunciantes, leitores, colaboradores e amigos, a todos enfim que têm de qualquer maneira e em quaisquer circunstâncias, ajudado a revista, seja de forma objetiva seja nos estimulando, pedimos que para o próximo ano isto mesmo continuem a fazer; pedimos que para a próximo ano mais trabalhem conosco e mais nos auxiliem a manter esta iniciativa que é de todos e que tem procurado, na medida de suas forças, divulgar lá fora nomes e coisas do Estado, fazendo um trabalho de permuta e aproximação que sem dúvida alguma já possui a sua importância. Quando mais não seja, repetimos aqui o que já ficou dito em outra oportunidade, chamando a atenção, aqui e fora, para um sem número de problemas culturais. E se mais não temos feito, nem toda a culpa por isto nos cabe, mas principalmente às condições ambientes que na maior parte das vezes nada propícias são aos problemas de cultura, contacto e aproximação.

Com desejos de felicidades para todos, aqui deixamos mais uma vez os nossos agradecimentos aos que conosco têm colaborado. E aos que futuramente venham a colaborar.

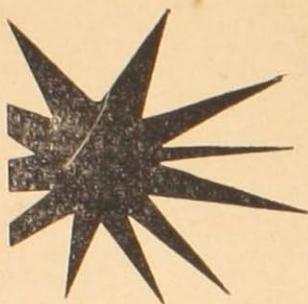
Quando ao mais, repetimos:

"Com todas as dificuldades e precalços, até o momento temos continuado e prometemos fazer tudo na medida de nossas forças para CONTINUAR".

Florianópolis, dezembro, 1952.

Auxilie o movimento editorial de "SUL"

ADQUIRINDO



EGLE MALHEIROS

MANHÃ
MANHÃ

Cadernos "SUL"

Preço: Cr\$ 10,00

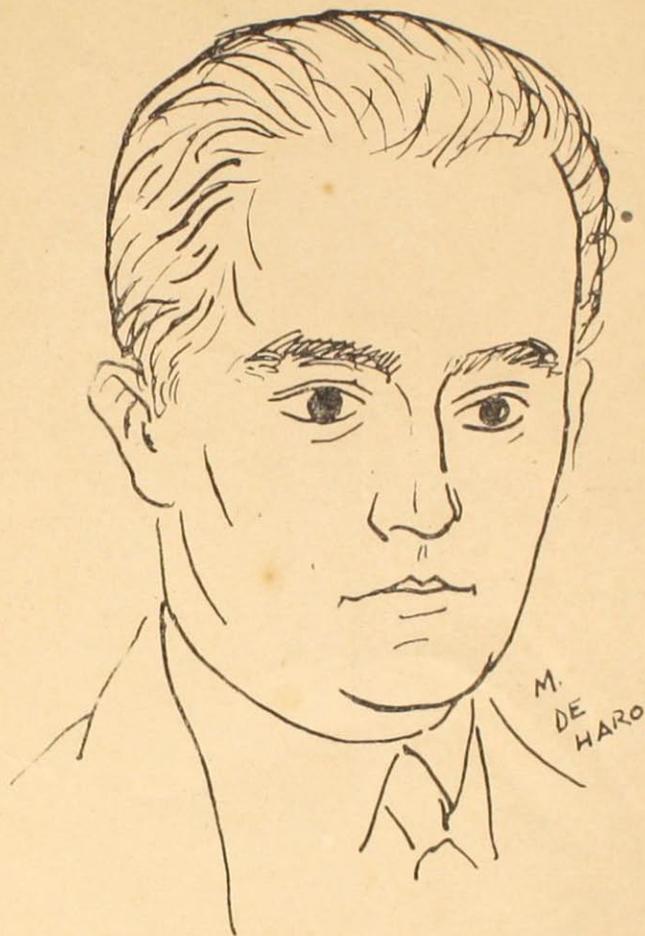
Capa de Carlos Scliar

Nas Livrarias ou pedidos diretamente à Revista "SUL"

Caixa postal, 384

Florianópolis — SC.

ENTREVISTANDO O CRÍTICO NEREU CORREIA



Nereu Corrêa num desenho do pintor Martinho de Haro

É impossível falar-se na crítica catarinense atual sem que, de imediato, um nome nos venha, em primeiro lugar, à mente: Nereu Corrêa. É ele, dos que entre nós fazem crítica, o que mais se tem destacado. Seu nome já ultrapassou as fronteiras do Estado. Tem colaborações publicadas, não só em jornais e revistas de Santa Catarina, mas de quase todo o país. Basta citar suas colaborações para a "Província de São Pedro", uma das nossas boas revistas de cultura.

Jovem ainda, Nereu Corrêa, que é natural de Tubarão, tendo morado por algum tempo em Itajaí, onde com outros companheiros fundou um centro cultural, sempre se preocupou com os problemas

de crítica. E êle mesmo é quem diz não ter sido feliz sua tentativa na ficção.

Publicando, desde há muitos, artigos, alguns trabalhos de fôlego, ensaios, Nereu Corrêa, sômente agora se prepara para lançar seu livro de estréia, que tem o sugestivo título de *Temas do Nosso Tempo* e onde estão enfeixados alguns de seus trabalhos, sendo que parte já publicados na nossa imprensa e outros inéditos. De sumo interesse se nos afigura o ensaio sôbre poesia moderna, que é considerado, por quantos já o leram, um dos mais lúcidos e compreensivos já escritos a respeito de tão controverso tema. Outros ainda, como "O Sentido artístico da obra de Ruy Barbosa", que analisa com maestria um dos aspéctos mais curiosos do autor da "Replica", "Questão da Língua Brasileira", etc. Há também o ensaio sôbre o vate catarinense Luís Delfino, sôbre o existencialismo como filosofia e literatura, e outros mais, todos, num estilo simples e correto, límpido, procurando dar uma visão tôda própria e original dos problemas analisados.

Sempre, desde o aparecimento da revista, temos nos preocupado em manter os nossos leitores o mais a par, dentro de nossas limitações e possibilidades, do que se está fazendo, entre nós, no campo das artes. E não seria lógico que deixássemos de ouvir o crítico Nereu Corrêa, agora às vésperas do lançamento de seu livro. A ocasião, que buscávamos há muito, nos pareceu a mais propícia possível. Procuramo-lo e êle, prontamente, nos atendeu.

Damos abaixo, sem mais comentários que a nosso ver seriam inúteis, pois as respostas falam por si sós, as perguntas e respectivas respostas:

1ª pergunta — Diga-nos alguma coisa a respeito de sua formação literária; quais autores e obras mais o influenciaram?

Resposta 1) O primeiro autor sério que me caiu nas mãos foi por puro acaso. Tinha eu de quinze para dezesseis anos quando entrei pela primeira vez, na sala da biblioteca do Clube 7 de Julho, na minha terra natal. Até então só havia lido obras de aventuras. Devorara quase todos os romances de Alexandre Dumas e Michel Zevaco e ainda hoje me lembro da emoção que me causavam aqueles heróis de capa e espada, como D'Artagnan, Pardaillan, Buridan e tantos outros que me povoaram a imaginação de sonhos e fantasias, a ponto de uma vez haver projetado escrever uma história rocambolesca, com reis, espadachins e castelos roqueiros. Logo que entrei na sala percorri as estantes peçadas de velhos alfarrábios, alguns já comidos pelas traças. Ali se encontravam quase todos os volumes da obra de Camilo encadernados em pecalina vermelha. Mas os meus olhos se fixaram em um nome pelo qual sentira, naquele momento, estranha fascinação: Eça de Queiroz. O bibliotecário não dava nada pelo autor. Mas desconfiei do gôsto literário do homezinho que cuidava da biblioteca, um senhor já de idade avançada, de cabelos brancos e de pouca cultura, e levei para casa "A Relíquia", único volume de Eça que havia na estante.

Devo confessar que o autor de "Os Maias" abriu-me as portas de um mundo inteiramente novo. Até então só me interessavam, nas novelas ou nos livros de história, a intriga, a trama romanesca, o elemento dramático, a dinâmica da vida transportada para o mundo da fantasia. Eça revelou-me uma nova dimensão: a obra de arte, o trabalho do escritor com a sua técnica, com os seus dons estilísticos, com o seu poder criador na fixação de tipos e costumes, com todos esses elementos que dão categoria artística ao livro de ficção ou ao

simples ensaio. Vivendo num meio em que não dispunha de um guia espiritual que me orientasse nas minhas leituras, em que eu tinha de ser o mestre de mim mesmo, esse encontro com Eça de Queiroz foi realmente providencial, pois éle é que fêz aflorar ao meu espirito o gôsto pelas coisas eternas, enriquecendo a minha sensibilidade de elementos que, a partir de então, haviam de influir consideravelmente na escolha dos autores e dos livros. Foi, por assim dizer, o meu primeiro guia nos caminhos da literatura. Mas, quem maior influência exerceu na minha formação intelectual foi Humberto de Campos. De permeio, já havia percorrido extensa galeria de autores nacionais e estrangeiros, como Dostoievsky, Tolstoi, Victor Hugo, Lamartine (de quem li tôda a "História dos Girondinos" numa edição de cinco volumes), Zola, Balzac, Camilo, Coelho Neto e vários autores portugueses e brasileiros.

Abro um parêntese para lembrar dois nomes que me acompanhavam nessas leituras e com quem discutia os autores lidos: eram êles Manuel Bittencourt Corrêa, companheiro de escola, e Manuel Fernandes Lima, um sapateiro que frequentára a escola até o segundo ano primário, e que discutia Shopenhauer, Nietzsche, Voltaire e vários autores que eu desconhecia, pois era um grande devorador de livros. Hoje é diretor de um jornal em Novo Hamburgo, no Rio Grande do Sul.

Posso dizer que Eça me incutiu o gôsto pelas letras: mas foi Humberto de Campos que me ensinou a escrever. O seu estilo simples e elegante causava-me uma grande fascinação. Cheguei mesmo a imitá-lo servilmente, escrevendo uns artigos naquele tom patético e lamuriendo de que estavam impregnadas as suas últimas crônicas. Cedo, porém, libertei-me de Humberto de Campos, atraído por outros autores e temas da vida literária. Creio que hoje, nos meus escritos, não subsiste o menor vestígio dessa influência posso dizer dominante no início da minha formação intelectual, a não ser o gôsto da ordem e da claresa na exposição do pensamento, que era um dos traços distintivos da personalidade literária do escritor maranhense.

2ª pergunta — A seu ver qual o autor brasileiro, de tôdas as épocas, mais importante e que mais tenha contribuído para a literatura brasileira.

Resposta 2) Acho que o autor brasileiro de maior importância em todos os tempos é Machado de Assis. Importância que não se mede apenas pelo volume e pela qualidade da sua contribuição à literatura brasileira, mas também, e sobretudo, pela sua capacidade de influir nas gerações que o sucederam, a ponto de serem facilmente identificáveis as marcas de Machado de Assis nos maiores romancistas da atualidade. Cito de passagem alguns nomes que se abeberaram das fontes machadianas, transportando para o seu estilo e para a sua obra aquêles elementos que mais singularizam a maneira do autor de "Dom Casmurro", como o sabor clássico da frase, a sobriedade estilística, o sentido sarcástico e algo inumano das suas sondagens na vida interior dos personagens. Entre os mais notáveis, lembro-me de Cyro dos Anjos, Graciliano Ramos, Josué Montello, Guimarães Rosa e Gustavo Corção. A presença de Machado de Assis nos tempos modernos é a maior prova da sua grandeza.

3ª pergunta — Gostaríamos de saber sua opinião a respeito de "Memórias de um Sargento de Milícias", que completa cem anos de aparição. E do cincoentenário de "Os Sertões" e "Chanaan".

Resposta 3) Para mim, as "Memórias de um Sargento de Milícias" ficaram na literatura brasileira não como obra de arte, mas co-

mo documentário de uma época. Livro, portanto, mais para sociólogos que para estetas. Nas suas páginas encontramos a descrição de casamentos, de festas populares, de serões familiares, de intrigas entre comadres, de todos êsses episódios que compunham a fisionomia da sociedade daquela época, narrados num estilo animado e por vezes colorido, a que não falta a nota pitoresca, o tom faceto na descrição de certos tipos. Entre êstes, vale lembrar o Vidigal e o Leonardo-Pataca, cuja caracterização decorre menos do poder de criatividade do autor pelos processos artísticos, que das situações que êles vivem no romance. Já "Os Sertões" realizam o binômio **documentário e obra de arte**, embora em outro plano. Afirmar que é um dos maiores livros da literatura é truísmo. A sua importância nunca deixou de ser considerada, mesmo numa época de revisão de valores, como esta que estamos vivendo. Já o mesmo não posso dizer do famoso livro de Graça Aranha. Li "Chanaan" somente há poucos anos e confesso que senti um grande desapontamento. Tive a impressão de uma obra especiosa, de um romance cujos personagens foram surpreendidos às vésperas de entrarem em cena com o papel nas mãos a decorarem os longos discursos que o autor lhes havia preparado sobre filosofia da arte, crítica literária e outras iguarias da mais refinada cultura para serem servidas num meio rústico, entre colonos e caboclos.

4ª pergunta — Na sua opinião qual, atualmente, mais importante e vigorosa: a prosa ou a poesia?

Resposta 4) Não há dúvida de que a prosa sempre teve predominância sobre a poesia. E essa predominância é muito mais acentuada nos nossos dias, em virtude de o poeta se haver recolhido à sua "torre de marfim", onde decanta a essência da poesia nos filtros de formas requintadíssimas, inacessíveis à maioria dos que gostam de ler num país de semi-analfabetos, como o nosso. Alguns, procuram refletir nos seus versos os fenômenos coletivos e sociais, mas não encontram acústica devido à falta de comunicabilidade dos seus meios de expressão. Cavou-se, deste modo, um fosso entre a poesia e o público. E enquanto o poeta despreza o público, êste se vingando ignorando o poeta. Daí a necessidade de construir-se uma ponte nesse fosso para que a poesia se reconcilie com a alma popular. Nisso não vai a afirmativa de que devemos regressar aos cânones tradicionais ou fazer concessões à incultura ou falta de gosto das massas. Pelo contrário, acho que se poderia aplicar ao caso a dialética hegeliana, prevendo-se, de sobrevivência dessa luta entre dois processos opostos, a síntese unificadora de uma poesia que, sem ser inteiramente lógica, não seja, também, por outro lado, excessivamente obscura. Síntese que aliás já se vem realizando isoladamente, e com o mais brilhante êxito, através da poesia de uma Cecília Meirelles, de um Manuel Bandeira, de um Murilo Araújo, de um Cassiano Ricardo, de um Augusto Frederico Schmidt e de vários outros cujos versos sugerem mais do que dizem, contendo até uma certa carga de ilogismo, mas dêsse ilogismo que "não é falta de sentido, mas superabundância de sentido", como diria Raïssa Maritain.

5ª pergunta — Que acha da literatura em Santa Catarina? Acreditada num possível reerguimento?

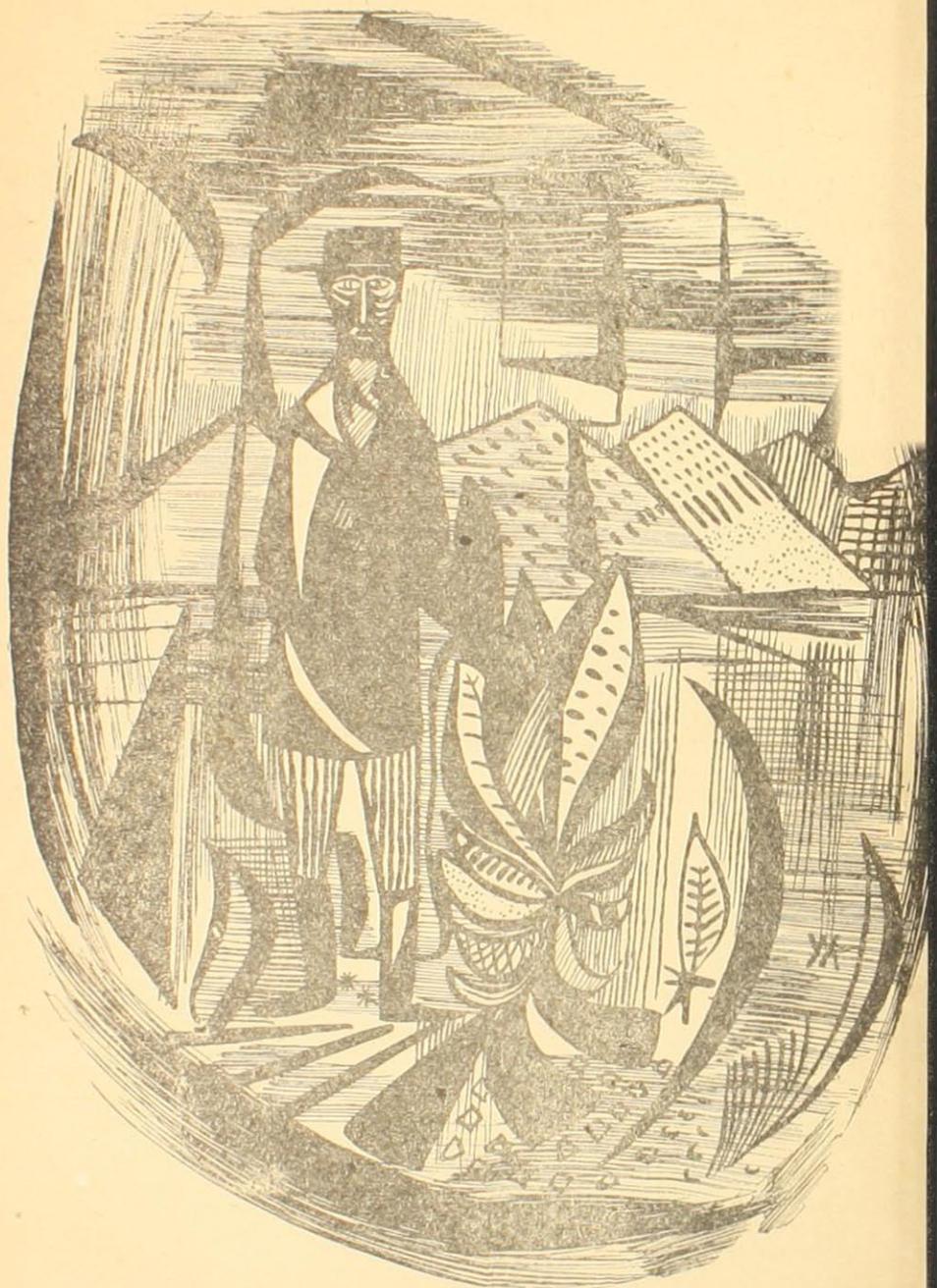
Resposta 5) Acho que temos literatos, mas não temos literatura. No meu livro "Temas do Nosso Tempo", a ser lançado em breve pela Editora "A Noite", há, em apêndice — visto tratar-se de tema original — um ensaio intitulado "**Back-ground**" das letras catarinenses, em que analiso a falta de maior produtividade em nosso meio

cultural. Tenho, todavia, a mais viva esperança nessa nova geração de intelectuais catarinenses, onde vejo um grupo de jovens constantemente preocupados com os problemas estéticos, realizando na província um movimento que já se projetou na metrópole das letras, através das mensagens que daqui são enviadas pelas páginas da revista "Sul". Devo assinalar, também, a revista da "Comissão Catarinense de Folclore", outra publicação que honra a cultura catarinense pelo valor das suas pesquisas e, mesmo, por ser a única revista desse gênero no Brasil.

6ª pergunta — Tentou alguma vez a ficção? Que lhe ficou na experiência? Qual a relação entre o trabalho do crítico e a obra de criação? Opinião sobre a crítica atual.

Resposta 6) A minha experiência, nos domínios da ficção, foi desastrosa. Escrevi um conto e submeti-o à apreciação de um crítico moderno. Resultado: recebi uma tremenda sabatina. "Ninguém vê o argueiro no seu olho", diz o velho rifão. Podemos ser um bom crítico de ficção sem que sejamos, necessariamente, ficcionistas. Os melhores intérpretes da poesia não são os poetas. T. S. Eliot, grande poeta e crítico não menos notável, é uma exceção à regra. Dilthey, Meumann, Brémond, Croce, Maritain, João Gaspar Simões nunca fizeram versos e, no entanto, são autores de estudos notáveis sobre o fenômeno da criação poética.

Ademais, distingo três categorias de críticos em nosso meio cultural: os que gostam de James Joyce e detestam Maupassant; os que gostam de Maupassant e detestam James Joyce e finalmente, os que estimam Joyce e Maupassant. Isso, em linguagem clara, quer dizer os modernistas, os passadistas e os ecléticos. Se o meu amigo Jau Guedes enviar um daqueles sonetos que êle sabe fazer tão bem à maneira parnasiana a um crítico moderno, êste dirá que ali há verso, não poesia. Por outro lado, se fôr o Walmor que submeter um dos seus poemas de "Idade 21" à apreciação de um crítico passadista, êste responderá que aqui não é poesia, mas pura charada. Não faço estas observações para justificar o depoimento do crítico que julgou o meu conto. Aliás, eu próprio acabei me convencendo de que o crítico tinha razão. Com isso desejo apenas caracterizar o estado geral da crítica brasileira, — êsse "parti-pris" resultante de compromissos com grupos e escolas. Não faz muitos dias, ao comentar com um dos mais festejados poetas da nova geração as restrições que um crítico fizera ao seu último livro, êle respondeu-me com a maior naturalidade: "Li o artigo e compreendo que êle haja procedido dessa forma, pois pertence a outra linha".



Composição de Y. Kerr

NOTA SOBRE GRACILIANO RAMOS

Completo, dia 27 de outubro, 60 anos, o escritor Graciliano Ramos. 60 anos de lutas, de combate. 60 anos de uma vida plena e útil, de uma vida vivida. De todos os recantos do país partiram manifestações de apreço, tanto ao homem, quanto ao autor. Porque, a par de sua obra — uma das mais importantes de todos os tempos da literatura brasileira — ele nos traz, também, o exemplo de sua vida. Ambas dignas de serem seguidas, ambas se completando, ambas profundamente entrelaçadas e sendo, sempre, um reflexo da própria vida, o retrato de uma época.

Uma das mais fascinantes aventuras do espírito é a da descoberta de um autor. Melhor, não de "um" autor, mas do autor. Tudo isto dependendo muito de uma série não pequena de fatores. Porque é inegável que, além do valor de uma obra, importa bastante também, a afinidade que nos liga, por fios invisíveis, ao autor da obra. Vamos, então, vagarosamente, descobrindo pontos de contacto, vamos observando fatos, vamos deduzindo, concluindo, vamos enfim, vendo que o autor "viu" por nós, pensou por nós e nos "plagiou". Sim, muitas vezes descobrimos num autor o que pensávamos sem poder transmitir, sem conseguir exprimir em palavras.

Mas em tais autores há um perigo muito grande. O da desilusão futura. É que, mais tarde, em releituras — e quantas vezes nunca podemos chegar às releituras, mal começamos e o desengano vem! — tudo desaba. Vemos aí que nós é que, através de coisinhas minusculetas, de uma forma já agora totalmente incompreensível, fomos construindo, em todo, uma história diferente daquela do autor, uma história como gostaríamos de ver escrita. Ou então, já com mais prática e com o gosto apurado, descobrimos que o livro — ou toda a obra — se perde em lugares comuns, é inconsistente e falsa, sem humanidade nem conteúdo.

Há ainda o inverso da medalha. Quando só com o decorrer dos anos nos capacitamos da importância de determinado autor, quando só a experiência nos permite aquilatar do valor de uma obra.

E há também o terceiro caso, embora bem mais raro que os dois anteriores. Quando uma obra é, permanece e se vai valorizando à medida que os anos passam. Quando uma obra ganha em vigor à medida que ganhamos em vivência e experiência.

Existem fatos, acontecimentos, que só o rolar dos anos nos pode esclarecer. Existem autores que não se deixam ganhar a uma simples leitura, exigem esforço, persistência. E só cedem depois de muito, nos dando, em troca, uma maior soma de conhecimentos e alegria íntima.

Assim é o romancista Graciliano Ramos, sem dúvida o maior escritor contemporâneo do Brasil e um dos maiores da língua. É dos raros que pode, sem desmerecimento, ser posto ao lado de Machado de Assis. Como neste, a perfeição da língua, o castigamento da forma sem prejuízo da idéia, mas valorizando-a, atinge o máximo. Porém, leva, sobre Machado, uma vantagem. Graciliano, se bem que pessimista, às vezes derrotista, não chegou aos limites do autor das "Memórias", que se fechou em si mesmo, que não via quase nada em derredor, isolado, não querendo enxergar o que se apresentava ante seus olhos; embora, talvez a contra gosto — por ser um artista e escritor sincero — sua pena tivesse retratado com extrema fidelidade, deixando transparecer claramente, nas entrelinhas, sua época e seu meio.

Graciliano, não. Graciliano, éle mesmo, como homem, participou talvez mais que com sua obra. E, evoluindo, fez uma caminhada ao inverso de Machado. Sómente mais tarde veio a compreender integralmente a impossibilidade de desligar a vida da obra literária. E embora sempre o mesmo, construiu "Vidas Secas" e tem pronto "Memórias da Cadela". Mas não queremos dizer que os livros anteriores de Graciliano Ramos tenham falseado a vida ou não sejam obras re-

volucionárias. Em absoluto. Eles retratam a vida na sua realidade. Eles apresentam uma época que caminha impreterivelmente para o fim. E são uma arma de acusação, de combate, de luta. Tendo, além do mais, a seu favor, esta vantagem sobre a de outros autores: São obras artisticamente perfeitas, bem trabalhadas. Nunca se esquecendo G. R. de que a melhor maneira de fazer uma obra de vanguarda (e que diga alguma coisa, traga uma mensagem de fé nos destinos da humanidade), é fazer esta obra sem esquecer que um artista deve saber manejar perfeitamente su instrumento; conhecer a fundo seu "metier".

Os personagens da obra de Mestre Graça, desajustados, cheios de complexos e recalques, como os de "Angústia" ou "São Bernardo", simples e ingênuos, profundamente trágicos e humanos também, como em "Vidas Secas", ironicos, desiludidos, como em "Caetés", espelham todo um período, todo um estágio da vida do Brasil. E em todos, como em "Infância", está um pouco do próprio autor. Que só sabe escrever extralindo a experiência de si mesmo. Note-se como o personagem de "Angústia" parece uma quase continuação do de "Infância".

Impossível falar de Graciliano Ramos sem recordar a maneira como o descobri. Já lá vão anos, mal havia começado a me interessar mais a sério por literatura, quando, de uma forma toda imprevista, me veio ter às mãos "Angústia", considerado seu livro mais pesado e amargo. Li-o, creio que não entendendo alguma coisa, um tanto espantado, fascinado porém, com aquela maneira tão nova de analisar o problema do clima, penetrando até o mais íntimo do personagem, numa espécie de monólogo, todos os demais personagens vistos através do espírito e temperamento de Luis, sem contudo esquecer o meio ambiente e os problemas atinentes a esse meio, tudo num clima sufocante. Custei, de comêço, a avançar em alguns trechos onde a análise era mais monótona. Propositadamente. E aquelas idas e voltas me enervavam. Mas à medida que ia lendo — relendo — mais aquilo tudo me fascinava. E desde então procurei entrar em contacto com toda a obra do autor. Nenhum livro me desiludiu. Pelo contrário. Quanto mais conhecia, mais ia desejando conhecer. "Caetés", com aquele ar gravemente irônico à Era de Queirós; "São Bernardo", com o problema outra vez do clima agora unido ao do latifúndio; "Vidas Secas" com o da seca nordestina e a miséria, com a cachorra "Baleia", tão humana, com o soldado, com tudo; "Infância", trechos de "Memórias da Cadeia", contos, histórias infantis...

Passaram anos e sempre que me sentia desiludido com os novos rumos de certa literatura brasileira, era a Graciliano que recorria. E ele nunca me decepcionou, sempre me reconduzia às fontes mais puras da língua, êle me reconciliava com as letras no que elas possuem de melhor e mais verdadeiro.

O conhecimento — apesar de rápido e superficial — da pessoa do autor, confirmou tudo. Não desiludiu. Não se deu o que muitas vezes, infelizmente, acontece: O autor matar a pessoa. Não! O homem Graciliano é tão importante quanto o escritor Graciliano. Aparentemente brusco, secarrão. Franco, sincero a mais não poder, honesto consigo mesmo e com os outros, coerente. No fundo um lírico preocupado com o homem e seus problemas, contribuindo com sua parcela para a melhoria de tudo, Graciliano é uma lição para todos os que se iniciam nas letras. Tendo passado por tudo, na vida, por todos os sofrimentos, em defesa de seus ideais, sabe compreender, mas não transigir, quando está com razão. Sua vida é um exemplo a seguir. Se há algo em sua obra a recusar, — não o cremos contudo — nem por isto é menos verdadeiro. E penso que dentro das condições em que foi escrita, dificilmente se poderia exigir outra coisa. Além de obra de arte das mais importantes do nosso tempo, de obra literária das mais completas e uniformes do Brasil atual, ficará como um documento, como espelho de um período, como retrato de uma época. Seus personagens, mesmo desaparecida a situação em que viveram e atuaram, restarão, para sempre, porque fixaram com fidelidade um período dos mais agitados e complexos não só do Brasil, mas do mundo.

E a de Graciliano uma obra meditada, sem quaisquer desleixos, trabalhada,

com uma linguagem limpa, sem exagêros de espécie alguma, bem dentro da época que vive. Aproveitando, sem servilismos, o que de melhor nos legou o período precedente, com descobertas estilísticas das mais felizes — porém sem nunca fazer estilo por estilo, mas sim estilo em função de alguma coisa, — com aproveitamento às vezes até a última consequência dos vocábulos, utilizando-se (embora não o queira reconhecer) de algumas inovações dos modernos, tudo isto de uma forma introspectiva, onde os caracteres se delineam por entre as sombras e entretons, vindo até nós, participando conosco, desde que os saibamos ir procurar, buscar.

Graciliano Ramos construiu, por tudo isto, numa linguagem característica, só dele, uma obra para o futuro. Uma obra de grande valor literário, uma obra de grande valor humano e social, uma obra de combate que, sem sombra de dúvida, ficará como das maiores da língua.

Florianópolis outubro de 1952.

S. M.

(Publicado em "LER", jornal de Letras, artes e ciências, N. 9, dezembro de 1952 — Lisboa)



Florbela numa interpretação da pintora Maria Liberata Campos

A poetisa Florbela Espunca nasceu em Vila Viçosa (Alentejo, Portugal) no dia 8 de Dezembro de 1894 e no dia 8 de Dezembro de 1930 pôs termo à sua vida em Matozinhos, próximo da cidade do Porto. Viveu grande parte da sua vida na histórica cidade de Évora, onde concluiu em 1917 o Curso dos Liceus com 14 valores. Em 2 de Julho de 1916 começa a colaborar no diário "Notícias de Évora". Ainda estudante, com 19 anos de idade, contrai o seu primeiro matrimónio — no dia 8 de Dezembro de 1913 — e só mais tarde, ao contrair o terceiro matrimónio em 1926, com o médico Dr. Mário Lage, veio a encontrar o carinho que ela não deve ter encontrado com os maridos anteriores, que a obrigaram à porcaria — a expressão é dela — do divórcio. Chegou a frequentar os primeiros anos da Faculdade de Direito. A sua estréia literária é assinalada com a publicação do "Livro de Máguas" ao qual se seguiram o "Livro Soror Saudade", "Charneca em Flor" e "Reliquae" (todas de poesias) e "Domínio Negro" e "As Máscaras do Destino" (estes de prosa). De 1918 a 1930 a sua atividade literária, apesar da sua doença, multiplica-se. Colabora em diversos periódicos, tais como "Portugal Feminino", "Civilização"; traduz "O Romance da Felicidade", de Jean Rameau, "O Canto do Cisne", de Jean Thiéry, "A Dona Queixote", de George de Peirebrunc, etc. Alguns dos seus versos são publicados com o pseudónimo de Zita de Abreu. Após o seu suicídio, e graças ao escritor italiano Dr. Guido Battelli — grande admirador da sua obra —, desenha-se um movimento intelectual no sentido de ser prestada condigna homenagem à poetisa considerada primeira pela expressão rica de imagens. Nele tomam parte intelectuais de todas as matizes políticas (1) — o que vem confirmar o interesse que a sua obra suscitara. O escultor Diogo de Macedo esculpiu em mármore branco do Alentejo o seu busto cuja colocação no Jardim Público de Évora, depois de longos e vivos debates que duraram anos, acabou por ser inaugurado no dia 18 de Junho de 1949. Muito contribuíram especialmente para tal inauguração o poeta Celestino David falecido em Setembro de 1952, o poeta Jorge Sena e o Padre Nuno Sanches. O Padre Nuno Sanches numa entrevista, publicada no "Primeiro de Janeiro", de 22 de Janeiro de 1944, declarou: "Os poe-

tas usam de liberdades que, vistos com olhos grosseiros, são às vezes mal interpretados. Já tenho visto considerar também excessivos os roubos dos grandes místicos, como Santa Tereza d'Avila e o nosso Frei Agostinho da Cruz". Efetivamente a sua obra poética é reconhecida como das mais valiosas. Nos seus versos maravilhosos há "Clichés" perfeitíssimos da paisagem alentejana que ela tão bem soube sentir assim como noutros há o reflexo da sua "Incomensurável paixão, em permanente estado de desejo".

Elevado temperamento de poetisa, Florbela é a grande cantora da sua provincia — o Alentejo — ao mesmo tempo que o Amor lhe arranca os mais formosos versos. O seu amor é um Amor-Paixão, "diferente de todo o Amor que temos tido ocasião de apreciar através das obras de diferentes artistas. Em Florbela o Amor toma formas exóticas, estranhas, com um vago sabor oriental, febril, dinâmico, que se dá, que se entrega, que se retrai, que se expande, que se alastra pela Natureza e pelas coisas":

"Olhos a arder em êxtase de amor,
Boca a saber a sal, a fruta, a mel"

assim ela própria se definia enquanto, por outro lado, proclamava:

".....Quem me quizer
Há-de ser luz de sol em tardes quentes;"

e, prosseguindo, acentua:

"Há-de ser selva no botão repleto,
Voz no murmúrio do pequeno inseto,
Vento que enfuna as velas sobre os mastros!..."

Há-de ser Outro e Outro num momento!
Força viva, brutal, em movimento,
Astros arrastando catadupas de astros!"

Não deixa de ser oportuno registrarmos já esta notação do poeta Jorge de Sena: "...há, em Florbela, dois aspectos de sedução poética: um, mais falível, ligado às margens súbitas que encontra; outro, mais perene, menos sujeito às oscilações do gosto epocal, e proveniente da nua e desassomburada simplicidade com que se queixa ou murmura. E é deste último dos aspectos, desta pura consciência com que se sabe Mulher, que surgem versos maravilhosos, que, e isto é muito importante, podiam ser escritos por qualquer poeta num dado momento de total esmagamento pelo destino".

Mas o verdadeiro Amor — aquele que a Poetisa ambicionara — parece nunca haver-lhe surgido:

"E nunca O encontrei!... Príncipe Charmant..."

Como audaz cavaleiro em velhas lendas
Virá, talvez, nas névoas da manhã!
Em toda a nossa vida anda a quimera
Tecendo em frágeis dedos frágeis rendas...
Nunca se encontra Aquele que se espera..."

E vai, como numa súplica, clamando:

"Sou chama e neve branca e misteriosa...
E sou talvez, na noite voluptuosa,
Ó meu Poeta, o beijo que procuras!"

Nos casamentos que realizou, a experiência colhida deles e da própria vida vivida, as desilusões, devem ter-lhe criado o desejo de encontrar não já o Prince Charmant mas mais do que isso:

"O amor dum homem? — Terra tão pisada,
Gota de chuva ao vento baloiçada...
Um homem? — Quando eu sonho o amor dum Deus?"...

E eis que surge o soneto "Inconstância" em que ela declara:

"Procurei o amor, que me mentiu"

Florbela reconhece e afirma em carta que "é uma insaciável; mal um desejo surge, outro desponta e em mim há sempre latente uma febre de sonho e de desejo, e quando possuo alguma coisa de infinitamente consolador, como a sua amizade, desejo mais, mais ainda, mais sempre". Numa outra carta, referindo-se ao casamento, e na qual nos fala do "pregão forte e sensual que é toda a alma da mulher do povo" (...) e nos diz "sinto o sol, um sol de fogo, o sol do meu Alentejo sensual e forte como um árabe de vinte anos!", Florbela escreve: "No entanto, o casamento é brutal, como a posse é sempre brutal, sempre! O melhor beijo, o beijo mais doce, aquele que não se esquece nunca é aquele que nunca se deu, disse-o um dia um poeta, e eu creio. Só para as mulheres mais animais que espirituais, é que o casamento não é desilusão de sempre — mas então nós? Se ganhamos um grande amigo, o que nós sofremos muitas vezes?"

Há, pois, nos versos de amor de Florbela não apenas literatura. Há, quanto a mim, "experiência" vivida intensamente. Há, sim, absoluta sinceridade e a ela não se lhe pode aplicar outro pensamento que não seja o de admiração por essa "sinceridade" que ela própria proclamou, lutando contra os preconceitos da sua época. Florbela foi infeliz nos seus amores, sofreu desilusões que tornaram o seu espírito céptico, mas, como Mulher e Poetisa, ela sentiu a ânsia de novos horizontes. Daqui o seu estado de insatisfação e o seu anseio pela realização dos seus ideais frustrados. Em quasi todos os versos o seu sofrimento serve para comparar-se como podemos apreciar neste soneto admirável:

"Hora mortas... Curvada aos pés do Monte
A planície é um brasido... e, torturadas,
As árvores sangrentas, revoltadas,
Gritam a Deus a benção de uma fonte!

E quando, manhã alta, o sol posponte
A oiro a glesta, a arder, pelas estradas,
Esfíngicas, recortam desgrenhadas,
Os trágicos perfis no horizonte!

Arvores! Corações, almas que choram,
Almas iguais à minha, almas que imploram
Em vão remédio para tanta mágua

Arvores! Não choreis! Olhai e vêde:
— Também ando a gritar, morta de sede,
Pedindo a Deus a minha gota de água!"

Florbela — o maior génio feminino alentejano —, que tanto sofreu, é bem a Poetisa do Amor — do Amor-Paixão. Se o seu nome há muito ultrapassou a fronteira portuguesa, é que nela há qualquer coisa de eterno como o Amor...

OCTAVIO RODRIGUES DE CAMPOS

Lisboa



Desenho de Augusto dos Santos Abranches

Descarnadas as raízes da literatura, quando no percorrer de sua geneologia em busca da origem primitiva, depara-se nos fios mais afastados com o conto e com a poesia. Mesmo na rudimentar e avoenga elaboração oral, e quer se lhe junte ou não a música, essa presença destaca-se como das mais verito humano. Balança pende os pesos para a poesia, balança pende para o conto. Ao final de conferir, dar a um destes gêneros de expressão a primazia ficcionista, — quem haverá aí que o confirme? Os limites e deficiências de forma estética, até a sua temática, em nada por agora interessa para o problema. Deixemos isso para quem busque a segurança das conclusões definitivas, irrevogáveis. Fiquemos nós aqui. O Conto? Sim, o conto, arquivelinho, e no entanto com uma força de perenidade que espanta. Prendendo de uma maneira sua, sem exclusividade. Prendendo por encanto próprio, pessoal, e não o de se ser contista como se é poeta ou romancista. Todos os outros generos de expressão em arte

tendem para a especialização, para a superação, quando não para exclusividade da sua maneira de trabalho. Menos o conto. Mais sendo uma diversão da actividade criadora, uma espécie de fuga de outras formas de narrar, que uma característica propondo a independência. Daí, talvez, a explicação das suas relações com os outros generos literários, e a conclusão fechada do seu mundo, tão repleto, normalmente, de sentido maravilhoso e sensibilidade poética.

De resto, vamos encontrá-lo de paredes meias com a poesia, quando das circunstâncias e necessidade de nascimento. E curiosamente dando-se ao colectivo e para o colectivo. Válvula social, a sua cadência narrativa e a obrigatoriedade de conhecimento-comentário, de fabulação de ansões e mitificação de acções, impregam-no num plano de comunicação que vem até aos nossos dias. O servir-se da poesia de quando em quando, nada mais era do que buscar os seus fins dentro do menor risco de choque. Deste modo, delinea a fábula, o apólogo, a narrativa. E só mais tarde se liberta e caminha pelos seus próprios passos, se reduz a si mesmo. Os seus meios típicos de elaboração inicial permanecem, contudo, dando o fio da condução mítico-poética, o simbolismo do seu mundo maravilhoso. Lírico, profundamente lírico até quando se reveste de sátira. Negá-lo, para que? Desse mesmo lirismo que diferencia o conto de qualquer outra história. Infantil e ingénua, ramifica-se, toma consistência erudita, abrindo de seguida a expressão da novela e do romance (este aparecido recentemente, quase nos nossos dias). E essa evolução desenvolve-se, toma a direcção de um "burguesismo" estatificado além da realidade da vida, impulsiona o mecanismo do desenho animado. Mas não podia ter dado apenas nisto, impossível ter ficado apenas nisto. O modo específico-temático pelo qual se exprimia, a estética da sua linguagem, e a busca com o colectivo — com o povo — impõem-se em todas as complexidades e nuances da vida. Procurar-se, simples e humano, foi como que um derradeiro encontro consigo mesmo, adquirindo assim nova amplitude e interferência no mundo a que se dirige, desvenda e revive. Mundo diverso, por vezes estranho e chocante. Mas fundamentalmente verdadeiro e natural.

Este desenvolvimento, sob o condicionado mítico-poético, abre-se perante a realidade objectiva como uma revelação intensa. Integrando-se dia-a-dia nos caminhos da proximidade do homem e dos seus pequenos meios sócio-culturais, realiza como que a consciencialização do tema e da técnica. O símbolo é transformado na corporização do personagem-indivíduo, e do caso humano cujo problema enfrenta. Desta via, a vida penetra nos seus planos, enche os pequenos limites, revigora-se. Sem que a experiência acumulada se regeite, se esqueça, note-se, E sem choques ou desvirtuamentos das suas primitivas características lírico-processuais, acrescenta-se. Continuando mesmo além do formalismo narrativo que, depois de Maupassat e Tchecoff, levaram a um Hemingway ou a Saroyan, e que entre nós revelaram um Miguel Torga ou Branquinho da Fonseca, por exemplo. Os símbolos das suas primeiras etapas já não correspondiam às necessidades imediatas da história a contar, da inter-dependência íntima entre a vida e a arte, e teve de estabelecer novas relações. Inter-dependência essa cada vez mais estreita, mas cujas circunstâncias fazia ainda sobressair a estrutura orgânica da sua tendência de fuga, o fio da dualidade mítica-experimental.

Ligando, por vezes, a crueza do realismo ao impulso ingénito do seu normalismo ingenuo, continua no entanto ainda fiel aos valores do idealismo personal. Conflitos e situações, causas e circunstâncias, efeitos e pronúncios, palram entre os pequeninos espaços dos seus planos, dentro duma simplicidade emocional e cândida. Movendo-se numa segurança de expressão firme, nem mesmo as tentativas de subjugação, psicológicas ou subjectivas, o conseguem desvirtuar. A mistificação dos seus meios a serem transformados em fim, se não lhe destroem o caminho para o colectivo dão-lhe, no entanto, uma estrutura que influi nos seus elementos de valorização e conhecimento, fazendo-o reencontrar-se nas origens da primitividade. A aventura e o sonho, o poético e o cotidiano, a objectividade do real

faz com que o conto se remeta para mais próximo de si mesmo, da sua particularidade narrativa, viva e diversa no contacto humano estabelecido. A revista e o jornal lança-o como o seu meio de desenvolvimento próprio, que até então ainda não possuía. A função oral do contacto directo com as massas passa para a leitura interferindo unicamente para trazer mais perto, para fazer mais seu, os conjuntos a que se dirigia.

"Velhice e outros contos" de Salim Miguel (Edições "Sul", Florianópolis, 1951) dá-nos como que os tópicos desse movimento do conto. Consciente ou inconscientemente, assim neste seu livro de estréia se sente e entende. O real e o imaginário abrem as portas do mundo cotidiano, e vão, de um modo típico e pessoal, de "Alvina, essa minha noiva" a "Medo", — possivelmente o conto mais frágil incluído, mas também em que os limites do conto mais claramente se encontram expressos. Dentro dum estilo audível, oral na maneira simples de narrar, e servindo-se duma naturalidade de diálogo em que interfere directamente, estabelece o comando da expressão que liga directamente o autor com o leitor num entrelaçar de figuras humanas e vivas. Psicologicamente, a conclusão é inferior e lógica, correnteia. Mas, na realidade, o que está por detrás de todos os seus personagens e do autor é a inter-relação com a vida cotidiana, com o mistério do acontecimento dentro da realidade mostrando-se real e verdadeiro mesmo no imprevisível, como nesses três contos "Velhices", que acabam por dar o título ao livro. E que ficam, afinal, por exercerem no conjunto o impulso do imprevisível, do irreal no real, da incongruência no cotidiano.

Todo o conto é um reflexo, presente em tempo e acção. Para Salim Miguel, a acção exerce-se e desenvolve-se devido à presença da causa, e não por necessário de efeito ou conclusão chave, dando-se ao seguimento do conflito uma sobreligação de planos em que o tempo fica representado pela ausência reflexiva, numa aglutinação cénica casual. Dentro deste processo, assiste-se a esse capricho estranho de vermos reunidos os personagens — os reais e os em delineaamento de criação — com o autor e o "leitor" que o escuta, como se os tivesse apresentando uns aos outros, desenvolvendo os elementos necessários para o conhecimento objectivo de cada um. Há como que, no fundo, um princípio de técnica romancística aplicada ao conto e que sobressai para além do caso que narra e dos efeitos que deixa a cada um para serem desvendados. O choque, dá-se, sim, dramático e interessado, não propriamente no conflito em causa apresentado, mas antes nas relações obrigatoriamente estabelecidas pelo encontro. "Carnaval; casos de Esperidião", "Alvina, essa minha noiva" e "Jantar de família" são típicos exemplos dessa maneira de contar de Salim Miguel, e acrescenta-se que o primeiro destes tais contos citados se pode ligar antes com a novela, mais directamente do que com o romance, sem no entanto deixarem os limites do conto.

O curioso é como sem deixarem de se imporem como contos, este livro de Salim Miguel se reflete por outros caminhos comprovando toda a relação da literatura ficcionista com este género literário. Se mais não tivesse além de "História banal", isso bastaria para revelar as pronúncias da novela, da novela que não chega a ser devido à interferência do autor como personagem narrador, de princípio, e que no contacto com o leitor acaba por ocupar o primeiro plano. E, consequentemente, a característica que individualiza cada trabalho de "Velhice e outros contos", em que mantem aderente a ligação que leva a narrativa à poesia, num ambiente convincente, próprio. Parece que, no fundo, o mediamento da eleição dos caminhos traçados se infestam de um desdobramento íntimo, e ao mesmo tempo solidário. Não dum desdobramento em que o espectáculo se exerça para si e por si, mas antes na integridade do cotidiano drama humano, a que pertence e ao qual se não nega, por mais que os pequenos nos grandes problemas o amarguem. Que o choquem, até, naquele seu estilo directo e objectivo, que não é uma das menores características do livro em que se revela. E que não ficará apenas assim, como contista, dado os outros rumos de expressão que ressaltam com uma força que nos faz esperar dele, amanhã, um romancista.

Nampula

Augusto dos Santos Abranches

LITERATURA DE CINEMA

Ir ao cinema tornou-se um ato comum, faz parte do rito cotidiano de uma grande porcentagem da humanidade. Portanto, a mais popular expressão artística do século XX tem influído de maneira acentuada nos costumes das gerações contemporâneas. A influência é notada com facilidade, tomando-se como exemplo o filme americano que espalhou pelo mundo os usos e a música dos Estados Unidos. Nossos hábitos de formação latina sentiram o influxo, notando-se no vestuário, nas atitudes, nos usos caseiros, até nas maneiras de falar e em tantas outras coisas, a marca da cinematografia americana, a de maior predomínio em nosso meio. Acima de tudo, o cinema impoz-se como arte que já tem influenciado o teatro e a ficção, os quais, em muitas ocasiões, apresentam uma técnica verdadeiramente cinematográfica em seu desenrolar.

Com tal importância adquirida, surgiu, consequentemente, a literatura de cinema. Apareceram os livros, as revistas, os folhetos, contendo trabalhos sobre filmes, encarando-os pelo lado artístico, técnico ou crítico e, principalmente, pelo lado sensacionalista e banal.

No Brasil, a literatura de cinema anda de acordo com a indústria cinematográfica, restringindo-se a movimentos isolados que não chegam a se estender. Faltam-nos os livros, devido as precárias condições sociais e econômicas, e as poucas obras existentes são quase inacessíveis aos estudiosos. Estas são só encontradas nas livrarias dos grandes centros, assim mesmo vasculhando-se muito nas estantes. A ausência do autor brasileiro é quase completa e livro em língua portuguesa, tratando de cinema, editado aqui ou em Portugal, chega a ser quase uma raridade bibliográfica. Em geral, quando encontrados, são edições estrangeiras, em francês, inglês, italiano ou espanhol, vendidos a preços elevados. Recentemente, apareceram livros em nossa língua, traduzidos alguns, originais indígenas outros: "O cinema — Sua arte, sua técnica e sua importância social" de Georges Sadoul, "O ator no cinema" de Vsevolod Pudovkin, "Significação do Far-West" caderno de Otávio de Faria, "Cinema e educação" de Jonhatas Serrano, etc. São pouquíssimas obras, tratando temas de uma maneira rudimentar. Assuntos de divulgação geral destinados aos não iniciados.

Se por um lado já começaram a aparecer uns raros livros, em revistas nem é bom falar. Não há nenhum periódico especializado no assunto. As nossas revistas destinadas a exporem coisas de cinema, abrigam os artigos e reportagens dos pretensos críticos e cronistas, desprezando os de legítima capacidade. Só se importam em publicar os trabalhos que deturpam a mente do povo, fazendo, por exemplo, gritaria em torno dos piques tomados por uma atriz no último festival realizado em Cannes ou com o divórcio super-escandaloso da "estrela" favorita e tantas bobagens mais do mesmo quilate. O Centro de Estudos Cinematográficos do Rio, há cerca de dois ou três anos, lançou uma revista séria, chamada "Filme". Apareceram dois números desta publicação, trazendo bons artigos assinados por autores nacionais e estrangeiros. Infelizmente, tal revista teve o melancólico fim de muitas outras de cunho cultural e artístico aparecidas nos últimos tempos em todo o Brasil. Desapareceu, tragada pela torrente de dificuldades de manutenção.

Ser escritor, seja poeta romancista ou o que for, é um sacrifício. Ser escritor fiel a si mesmo, sem concessões e resistindo às tentações, é um sacrifício ainda maior. E os poucos escritores de cinema que temos não podem manter a fidelidade como talvez desejassem. Não havendo revistas especializadas e sendo difíceis as oportunidades de se editar um livro, os que fazem tal literatura, de um modo geral, não passam de meros cotizadores de filmes em cartaz, empregando suas atividades em revistas e jornais de assuntos gerais. Van Jafa na "Carloca" e José Amádio n' "O Cruzeiro" são casos típicos de cotizadores. Este último é o crítico mais popular do Brasil, devido a grande divulgação da revista, embora pareça não ser muito cotado entre os entendidos. Muita gente

acusa-o de incapacidade pelo motivo de, em muitas de suas ligeiras crônicas semanais, ajulzar os filmes como bons ou maus, sem apresentar razões concretas porque o faz. Incapacidade ou pressa? De uma maneira ou outra, apresentando defeitos ou qualidades, faz crítica razoável pode-se afirmar, já que se coloca a favor de um cinema sério. Como este, outros acham-se no mesmo nível em nossa imprensa. Mas o que fazem de razoável em defesa de um cinema de qualidade é, na maioria das vezes, destruído pela própria publicação onde aparecem seus escritos. É fácil encontrar-se nas páginas de uma revista popular, logo após um bom artigo, as tolices sensacionalistas escritas a respeito de filmes e de "astros". É verdade que o nível cultural de nosso povo, fazendo citação sem pessimismo exagerado, está a calhar para essa sub-literatura. A maior culpa não é dos leitores, pois estão viciados e atrofiados por um cinema super-comercializado. As próprias revistas ajudam nessa bestificação, nada fazendo para reeducar e orientar o povo. Os autores, não contando com certa liberdade de expressão, fazem somente ligeiras notas críticas dos filmes em projeção, trabalhos efêmeros destinados a atingir o maior número de leitores. Mas é preciso ter cuidado até na confecção dessas "notinhas".

Havia uma seção de cinema no "Correio do Povo" de Porto Alegre, onde, semanalmente, apareciam notas críticas sobre filmes em cartaz nos cinemas da cidade. O encarregado daquela seção elogiava o que era bom e arrazava o que não prestava. Arrazava com ironia, com vontade de mostrar as coisas de maneira bem clara. Resultado: os proprietários ao verem os espectadores afastarem-se dos seus cinemas, devido as referências críticas aparecidas no jornal, pediram providências, reclamaram á direção do vespertino, solicitando a suspensão da seção que os estava prejudicando. A Constituição garante a liberdade de imprensa mas desconhece a palavra coação. Portanto, a referida página foi suspensa, calando-se o bico do petulante crítico.

A coisa é assim mesmo. Vivem tolhidos pela direção dos periódicos, amordaçados por imposições de gananciosos, jamais podendo assumir uma atitude de franco combate ao mau cinema.

Além da falta de possibilidades de publicação, outros fatores cooperam na ausência de uma literatura mais aprofundada do que simples notas críticas. Vivemos em campo inadequado para pesquisas e informações tão necessárias na realização de obras de certa amplitude. O escritor só pode fazer o que está dentro das suas possibilidades, jogar com os dados postos a seu alcance. A gente sabe, por intermédio de referências alheias, que se encontra em gráu elevado a cinematografia do Japão. Já foi exibido algum filme nipônico aqui no Brasil? Parece-me que já, mas quem viu tal filme? Pouca gente, talvez. E ao escrever um trabalho de comparação entre as diversas realizações cinematográficas do mundo, com referência ao Japão e outros países, o escritor guiar-se-ia apenas por opiniões alheias, informando-se em obras de outros, formulando conceitos que não seriam pessoais, originando, portanto, o perigo de cair nos mesmos erros cometidos pelas fontes consultadas. É vendo o maior número de películas de valor a maneira mais prática de aumentar os conhecimentos e desenvolver as aptidões. O crítico de literatura, por exemplo, tem sua capacidade acrescida conforme a quantidade de obras de real valor que ler, pois não poderá fazer crítica sensata guiando-se exclusivamente por seu senso crítico ou tomando puramente em consideração as opiniões de outros. Não há dificuldades em se ver filmes. Mas só filmes lançados no mercado, os quais em sua maior porcentagem não apresentam qualidades substanciais. Entretanto, torna-se um caso sério o problema de se conhecer películas retiradas do comércio, de valor artístico, histórico ou evolutivo. Se não fossem os Clubes de Cinema nem se poderia ter um pálfida idéia a respeito do período silencioso. Mas onde estão essas entidades que procuram preservar o bom cinema, adquirindo filmes de museu ou antológicos para suas filmotecas? Andam sumindo sem recursos, morrendo. Os poucos que continuam, persistem com inúmeras dificuldades, pouca ajuda dando aos estudiosos de cinema, pois não podem cumprir plenamente o seu programa.

Embora haja tantas dificuldades, ainda aparecem elementos que, restritos ao ambiente brasileiro, levam avante as tentativas, escrevendo com certa inteligência e honestidade, como, por exemplo, Alex Viany, Hugo Barcelos, Salvyano Cavalcante de Paiva, Vinicius de Moraes, Moniz Vianna e outros. Porém, em lado oposto, inconcebíveis mesmo ante os obstáculos existentes, situam-se os improvisadores ou empíricos que nem sequer se aproximam do ponto onde outros já chegaram. Os espécimes não são raros, basta se passar os olhos pelas publicações.

Num jornal carioca, um sujeito intitulado crítico conta a história do filme e, no final do artigo, caso o enredo lhe agrade, aconselha os leitores a verem a fita. Se, pelo contrário, não lhe agrada, manda os leitores ficarem em casa. É uma crítica prática e incansável, pois não são tomadas em consideração a fotografia, direção, cenarização e outros elementos que compõem o filme.

Certa escritora redige com bastante talento crônicas sobre diversos assuntos, publicadas num jornal de grande circulação. Mas quando ela tenta escrever a respeito de cinema, vem-lhe o fracasso completo. Tendo especial admiração pelo Marlon Brando, quando é exibido um filme estrelado pelo rapaz, ela endeusa-o com elogios peçados de preciosismos líricos, parecendo uma menina do tempo do Rodolfo Valentino, dominada por entusiasmo incontido ante o seu grande ídolo. Será que essa jovem escritora ainda não sabe que o bom ou mau trabalho do ator está dependendo muito de quem dirige o filme? Que um ótimo ator pode ser desperdiçado nas mãos de um péssimo diretor?

Um moço publicou, em certa revista literária, um artigo tratando de "Hamlet", considerando a fita uma obra-prima, coisa grandiosa e genial, tecendo elogios enormes. Dois anos após, falando com esse rapaz, perguntei-lhe porque não continuara a escrever sobre assuntos de cinema. Respondeu-me que não faria mais tal coisa, devido a um equívoco inconsciente. Dera um falso lugar ao filme de Laurence Olivier, um lugar que só mais tarde achara imerecido. Evoluido o seu pensamento, conceituando a cinematografia de maneira diversa, passara a sentir-se incapaz de derubar por terra o que dissera antes, a validade não permitindo retroceder a novo ponto de partida.

Quem faz literatura de cinema, como todos os demais escritores, possui uma grande responsabilidade. Pode se tornar um educador ou um destruidor. Portanto, os que iniciam, devem pisar com cautela no terreno. A pressa e a desorientação liquidam com muita gente boa.

ANTÔNIO DA SILVA FILHO

Pôrto Alegre

CANTIGA TRISTE

Antônio Paladino

Da ponta dos dedos os versos escorrem
Pegajosamente
Os versos caminham
E esparram a sua mensagem
Por onde passam . . .
São versos indecisos . . .

E êles vibram
E são castigados

O desequilíbrio do mundo afoga os versos que morrem

E o desequilíbrio vem
E os versos gritam de medo
São vozes angustiadas
Que se apagam no silêncio.

E os homens sofrem com êles.
E os homens gritam com êles.

O desespero dos homens vem e invade os versos que nascem.

E os versos perguntam
Como os homens que choram:
— A ordem . . . onde está a ordem ?
Só o silêncio responde
E os versos se perdem no caos . . .

(do volume "A PONTE" — edição "SUL" 2)

O BARCO E O PASSAGEIRO

Walmor Cardoso da Silva

Um barco só, os remos
tocando a areia sugerem
a mão humana. A presença
dos pés em marcas sucessivas
revela o homem, a dor.
Meio barco entre água
e areia esperando
o passageiro de outras terras.

Eu partirei em três pedaços
— movido bruscamente — teu corpo.
Um terço, quem sabe
não me pertence, à praia árremetido
por entre ondas.

Porque vieste, sei
o castigo viajar por entre
peixes famintos, presos
como teus braços ligados
à água pelos remos.

Idênticas vontades, histórias
líquidas alternadas
nos extremos de céu e terra.
Fundo de mar na superfície
plana do oceano.

Náufrago, então, atiro
meu resto jamais vontade
lúcida. E volta sem avarias
o barco e dois remos, metade
praia e mar, metade
presença de quem foi.

TASCA

José Tito Silva

Um balcão... quatro parêdes sujas...
Prateleiras e garrafas...
Duas portas entreabertas...
Duas tôscas mesas esburacadas...

Gente de pé, conversa e bebe...
É noite...
O mar chicoteia o cáis...
O vento sul zune e assobia...
É esta a sinfonia da tasca...

Dois bêbedos, sentados, sonham:
o homem de gravata
e o de chapéu de palha...

— Mais duas cervejas!...
— Saúde!...
— Saúde!...

levantam e tocam os copos!...

POEMA ÍNTIMO

Anibal Nunes Pires

Fecho os olhos
e, no silêncio revelador,
eu vejo o passado,

Os sonhos irrealizados,
as paixões fortes e humanas,
as expressões não pronunciadas...

A verdade sôbre mim mesmo
fica tão perto quando estou
de olhos fechados...

...E as cogitações estéticas
que a palavra rude e imprecisa
não pode manifestar...

A verdade sôbre mim mesmo
fica tão longe quando estou
de olhos abertos...

25-10-1952,

QUASI MENSAGEM

Eglê Malheiros

Dizer as palavras
Bem de manso
Bem de leve;
Confiar o pensamento
Que não chega a ser mensagem
E depois ir
Viver o pensamento
Vida de sonho
Sonho realidade.

Dizer as palavras
Bem de manso
Clarão de alvorada
No intelecto,
Acalanto pro órfão,
Pão para o faminto,
Liberdade pro cativo,
Bem de leve,
Sussurradas,
Luminosas,
Pensamento silencioso
Que estoure em realização.

Dizer as palavras,
Dizê-las,
Bem de manso,
Bem de leve,
E sendo nelas
Desaparecer.

1949

(Do volume "Manhã", poemas, Cadernos "SUL" — II)

SONETO SÓBRE UM DESENHO DE DEGAS (1949)

Cesar Tozzi

Na corrente serena de teu rosto
Eu vejo ressurgirem pensamentos
Gerados no repouso do desgosto
Que desce dos teus olhos sonolentos.

Pareces refletir toda uma vida
Que veio se erigindo na verdade,
Na íntegra versão, tão comovida,
Do teu reto viver, sem fealdade.

Teu semblante se fecha na tristeza
E tens melancolia no teu gesto...
Não será a virtude que te olhe

Pois tua boca se cerra com certeza,
Calando tudo aquilo que molesto
Pudesse parecer pr'a quem te olhe...

Rio.

POEMA-FRAGMENTO DO LIVRO DE HORAS MORTAS

(a M. N., a serpente)

Paulo Guilherme D'Eça Leal

os meus dedos frios já não escrevem,
poemas nos teus olhos;
desceu neles a lua.
na noite que é só minha,
tranzidos, numa clareira e tudo a olhar para nós.

Vamos fugir de braço dado
com o corpo coberto de escamos !
Vamos ser cristais de rocha,
vamos não ter mais nada que dizer
um ao outro,
vamos qualquer coisa !

Não quero acreditar que sejas elemento de gramática comum.
Tenho a angústia pintada na garganta,
deitado numa gaveta com olhos de vidro;
cavalos assírios à desfilada
e os cascos no meu peito.

Trago os cabelos desmanchados,
os olhos partidos.
Voam pássaros de morte
na minha bôca
e seguro nos braços um brinquedo.

Eu, Atila,
com os membros cheios de pêlos
flagelo de cegos e aleijados.
Eu, que não me quero lembrar
das quedas que demos em pequenos
nem quero saber dos amigos à beira-morte.

Lisboa.

CAIS

Noémia de Sousa

O cais é um gigante
sugando esforços, violentamente ...
O cais negro e chispante
é a nossa vida e o nosso inferno.
Sôbre os nossos ombros potentes, retesados,
o suor rasgou nascentes
e abriu leitos entre os nossos músculos encordoados ...
E "ai, pachica!", os fardos pesados
como o mundo,
multiplicam-se e crescem espantosamente,
cada vez mais ...
Só o suor viscoso e abundante,
— só o suor
que nos banha o corpo e o torna brilhante
como bronze brunido —
nos alivia, como se consolador
chôro de lágrimas fôsse ...
Nos nossos olhos cansados,
há desesperos e revoltas.
E com um último resto esfarrapado de esperança,
interrogamos ansiosamente o mar.
Mas o mar — ai! o mar — continua fechado
Que veio se erigindo na verdade,
E o Sol, como um milhão
de suor ...
E os fardos, sempre mais pesados ...
à inquieta interrogação do nosso olhar ...
de agulhas picando nosso dorso luzente
e nada mais

Mar:
Se tu nos abandonaste nesta hora,
quem nos dará, agora,
coragem, mar ?
Quem nos emprestará fôrça e esperança
para continuar ?
Ah ! Só tu, canção sem fim
dos desesperados,
só tu, voz da nossa alma !

JUSTIÇA

Humberto da Silvan

— Justiça ! Justiça ! Justiça !
Queremos Justiça ! — gritavam aquelas bôcas,
bôcas ávidas, contorcidas e esfomeadas . . .

— Justiça ! Justiça ! Justiça !
Gritavam as mães, já gastas e cansadas,
erguendo ao ar seus filhos raquíticos e chorosos,
que pareciam bandeiras de carne flutuando ao vento,
bandeiras iluminadas pela luz dos archotes encandescentes !

— Justiça ! Justiça !
Era de noite . . .
 noite áspera e cerrada,
mas eles tinham estampados nos olhos
a certeza da madrugada.

Nampula

Ergue-te a pino,
ergue-te a prumo sôbre o pó, canção,
sôbre o cais infernal, sôbre os fardos nunca findos,
sôbre o egoismo da cidade cruel e imensa, dormindo
ao Sol — farta e contente, —
sôbre o velho mar cansado,
sôbre o mundo, sôbre a vida . . .
E canta !
Cada vez mais forte,
canta a canção escrava do nosso destino !
Abafando todos os ruídos,
alheio a tôdas as fraquezas,
canta coração !
Canta, canção dorida !
Canta !

Lourenço Marques

AHORA ..

Lalita Brandon

Ahora ..

Todo un siglo de presentes
en el alba y en la rosa.

Y pensar que esta tibieza
de tus manes y tus ojos
no estarán en mi lamento,
en mis versos, y en mi canto,
cuando lleguen negras sombras
y el presente se diluya
en un frasco de emociones).

Ahora ..

Estás conmigo y eso basta!
mas ... mañana?
estarás aun en mis ansias?
o estarás en la distancia
de un anhelo que se olvida?

Ahora ...

Basta sólo con mirarte
para sentirte en mi carne,
para beber en tus labios
lo que agita y lo que calma,
para olvidar las tristezas
y cantar con voz del alba.

Ahora ..

Todo es nube y todo es rosa
pues me llegas en la brisa
en el alba y en la rosa.

Cuba.

PRELUDIO Y CANTO PARA MI SOLEDAD DESHECHA.

(fragmento)

Nélida Aurera Oviedo

y sin embargo un halo de luz va entre los muros
Rescatando su timbre de laureles
Porque intanbible en sorbos se acrecenta
Y puebla con sus martillos los amenos.

Van caminando en nombres que le siguen
Un torbellino en cánticos que midem
La soledad del muro y los que auscultan
El mensaje desvanecido entre sus sienas.

Para que rescatar lo que se extingue?
Si antes que sueño y muro y paraiso
Antes que voz y espera y sodalicio
El tiempo se derruía entre la arena?

Partamos así on nombres que nos siguen
Sin rescate de luz, sin timbre de laureles
Pasos que van en busca de infinito
Un abrazo se dan entre los tiempos.

van prendidos en alto van desnechos,
van en soledades que mueren en la gloria,
De ya no ser entre la arena sola,
Una palabra que se escribió en silencio.

Partamos así, en esta soledad deshecha y alta
Con este nombre que lo cantarán las olas,
Con este timbre augusto de perfiles
En una resurrección que nada nombra.

Argentina



Composição de Moacir Fernandes

NOTAS & COMENTÁRIOS

UM CONTISTA DO NORTE

Aluizio Furtado de Mendonça, um contista que nos surge do Rio Grande do Norte, em seu livro de estréla — O SILENCIO DAS HORAS —, vem de se firmar, incontestavelmente, como um dos mais vigorosos ficcionistas da nova geração. Isto, dito assim, logo de saída, até parece a chapa batida de um certo crítico que conheço, ou então, pura e simplesmente, uma nota convencional, dessas usadas pelos jornais, em que abundam "vocações promissôra", "valor novo", "risonha promessa", e outras quejandas expressões. Contudo é meu intento, tão somente, externar a minha opinião. A opinião do leitor comum, que lê pelo simples prazer de ler. Por isso, mesmo, uma opinião desapassionada e sincera.

O cunho marcante das oito histórias que compõem o volume é a falta de regionalismo. Pelo menos dêsse regionalismo chão e boçal, que se tornou, no dizer de amigo meu, sinônimo de pejorativo. Os contos, os tipos criados por Aluizio Furtado de Mendonça se situam no plano universal. Mesmo em "Na luz definitiva da manhã", em que é abordado o drama do cangaceiro (tema tão comum em sua região, e também aqui no Sul, porque não dizer?), o autor não descamba para o regionalismo, mantendo, em toda a linha, o seu clima universal. Allado a um estilo viril, o jeito de contar do escritor nortista cativa a atenção do leitor. Seus personagens são arrancados da própria vida, e trazem, ainda consigo, ao serem transportados para a ficção, restos do cordão umbelical.

Excessão feita a "Mêdo", todos os seus contos são marcados com o dístico "bôa qualidade". "Mêdo" é que não me foi possível tolerar, e o digo, aqui, com toda a franqueza. Duas razões me fizeram desgostar da história. Primeiro: a banalidade do tema; segundo: a lenga-lenga inicial, de preparativos para o desenrolar e climax do conto, sem dizer absolutamente nada. Diga-se, porém, a bem da verdade, que o estilo do autor procura inû-

tilmente todavia, salvar o assunto. Banalidade, porém, não é a causa do seu fracasso, porque, utilizando-se de situações banais, Furtado de Mendonça consegue grandes efeitos em "Réstea de sol", "Uma criança na chuva", e "Uma sombra no páteo". Mas o enredo, a história contada em "Mêdo" não convence nem satisfaz. É o único senão do livro.

Outra característica dos contos do escritor nortista é a presença da noite. Todos eles se desenrolam durante a noite, ou sofrem a sua influência. Em todos eles ali está, presente, palpável e audível, a noite eterna. É a noite milenar, amedrontadora e angustiante, com todo o seu séquito de fantasmas e assombrações. Todos os personagens sofrem com o temor da noite, prêsas do atavismo que, até hoje, não obstante as conquistas da civilização, ainda aflige a humanidade. Todos os seus tipos sentem a angústia das trevas, a agonia, o mistério da escuridão.

É simplesmente de mestre o clima que ele consegue criar nesse ambiente noturno, conduzindo as histórias sem tropeços, prendendo a atenção do leitor, conseguindo até mesmo, em certas ocasiões, uma atmosfera de "suspense".

A estréla de Aluizio Furtado de Mendonça se fêz na surdina, sem propaganda nem estardalhaço, num pequeno e modesto volume, embora de feição gráfica bem cuidada. Apesar disso, ele consegue passar na frente de muito pseudo-contista que anda por aí, e os quais, para alardearem suas qualidades, se apolam em muletas: edições riquíssimas, papel de primeira, ilustrações executadas por artistas conhecidos, prefácio de Fulano, comentários de Beltrano, e adjetivos a granel, feitos de encomenda pela crítica mercenária.

Aluizio Furtado de Mendonça não precisa de nada disso. Caminha com os seus próprios pés. É um contista de verdade, que, como prova de seu talento, merece esta afirmação de um leitor comum: pode ser lido (com muito gôsto), e entendido (cem por cento).

G. W. S.

CLUBE DE CINEMA DE PORTO ALEGRE

É este um dos mais importantes clubes de cinema do país, com já alguns anos de constante atividade e com uma equipe batalladora e persistente, que não se dobra diante de obstáculos. Influenciados pelos elementos de P. A., diversos interessados em cinema de outros municípios gaúchos e até mesmo de outros Estados (exemplo: aqui mesmo temos um, o do Clube de Cinema de Florianópolis do Circulo de Arte Moderna que é cria do de P. A.) organizaram clubes de cinema. Mas, todos passam e o de Porto Alegre continua. Sempre pujante batalhando por uma melhor compreensão do cinema não apenas como industria, mas também como arte e como veículo de educação e cultura do povo. P. F. Gastal, Plínio Moraes, M. Santos, Araújo, Mitos, outros mais, batallam constantemente para fazer do clube de cinema de Porto Alegre um organismo vivo e atuante. Palestras, conferências, debates, exposições, exhibições constantes de películas.... Ainda agora, em combinação com e graças a cooperação da filмотeca do Museu de Arte Moderna de São Paulo, foi lavado um retrospecto do cinema silencioso, dando uma visão panorâmica dos primórdios do cinema. Juntamente com as exhibições se realizou uma exposição sobre a história da invenção da Sétima Arte, com ampliações do fotografo Nadruz, e que vai desde a primeira tentativa para representar o movimento, que se perde pela pré-história, talvez uns quinze ou mais mil anos antes de Cristo, descoberto nas covas de Almatira (Espanha), até a invenção dos irmãos Lumiere, passando pelas sombras chinesas, os desenhos de Da Vinci, o fenocitoscópio Plateau, o cinetoscópio de Edison, até o cinema atual. Foi uma mostra de grande importância e preparada com notável espírito de objetividade, dando uma ampla visão do problema.

As exhibições se realizaram no salão do "Correio do Povo", tendo se iniciado com o primeiro filme feito no mundo, "A Chegada de um trem na gare Clotay", de Lumiere, exhibido em 1895, com 3 minutos de projeção, passando junto um

dos primeiros desenhos animados de Emile Cohl, "Um drama entre os fantasmas", e dois "filmes de arte": Coquelin no papel de Cyrano de Bergarac na cena do duelo da balada e Calmete na reconstrução do "Assassinato do Duque de Guise". O segundo programa constou de dois far western de T. Ince e de uma fita francesa, dirigida por Renoir e extraída de um conto de Andersen, "A pequena vendedora de fósforos". Os demais programas constaram de "Intolerância", de David W. Griffith, "O Lirio Partido", do mesmo diretor, "Civilização" de Thomas Ince, "O homem mosca" de Harold Lloyd, "A saga de Gosta Berling" de M. Stiller, segundo filme de Greta Garbo, "Pinto Calçudo", uma das mais antigas comédias de Frank Capra e "A última Gargalhada" de W. Murnau com Emil Jannings.

Como estivessemos em Porto Alegre, à época, foi-nos dada oportunidade de assistir a duas das reuniões, quando foram exhibidos "O homem mosca" e "A saga de Gosta Berling". Não importa agora falar aqui dos filmes, visto que muito já foi dito a respeito dos mesmos e da importância que possuem e do que representam na evolução do cinema ("O homem mosca" ainda mantém em alto grau, dentro daquele estilo eminentemente Lloydiano, o tom da verdadeira comédia, enquanto que o drama de Stiller, embora monótono e um tanto confuso pois a cópia apresentada e embora com quase três horas de projeção não era a original possui muita importância, é profundamente lirica, jogando inteligentemente com elementos folclóricos e é bem representativo do cinema silencioso sueco).

Mais importante para o caso nos parece referir aqui o que significa o Clube de Cinema de Porto Alegre, que, dadas a sua organização modelar, a boa vontade de seus elementos, o verdadeiro sentido construtivo com que trabalham, pode servir de exemplo para outros cultores do cinema se unirem, para outros clubes se formarem.

Não contando com verba nem com qualquer auxilio, apenas contando com o próprio esforço de realizar algo de útil, os elementos do Clube de Cinema de Porto Alegre vão realizando uma obra

de vulto e merecem os maiores aplausos.

Aqui deixamos a todos êles o nosso parabem e nossos votos de que continuem batalhando pelo cinema, pelo cinematismo e consequentemente pelo elevamento do nível cultural dos frequentadores das salas de espetáculos, geralmente tão mal acostumados a receber as obras de arte e a aceitar as boas iniciativas.

S. M.

A ARTE E OS POLITICOS

Outro dia, o deputado Jorge Lacerda, que é dos raros representantes nossos no Parlamento que têm amor e identificação com as grandes causas da cultura, levantou na Câmara um voto de louvor e solidariedade do Legislativo aos promotores do Museu de Arte Moderna do Rio e de outras iniciativas de mérito em prol da Arte no Brasil.

O voto de aplausos do parlamentar catarinense veio em sua hora, e tocou em pontos fundamentais da vida contemporânea qual seja o das atividades desinteressadas do espirito. Numa época de tarado utilitarismo, os problemas da inteligência criadora, acentuou muito bem o deputado, vivem ao desamparo. A Câmara, entretanto, "tem deveres fundamentais, irrecusáveis com as questões da inteligência e da cultura".

A Casa dos Representantes do povo, precisa, na verdade, aproximar-se das expressões mais permanentes desse esboço de civilização que estamos tentando construir nos trópicos, sabe Deus como. Urge terminar com o hábito, se não com a idéia, de que democracia é regime sem penacho nem glamorosas personalidades, indiferente aos poderes da imaginação e aos impulsos criadores, por viver num eterno burguesismo prosaico.

No Brasil, a necessidade de enobrecer-se aos olhos do estrangeiro e de chamar para si as simpatias da inteligência e da cultura, tornou possível a um ministro fontasista e poderoso, rodeado de alguns amigos poetas, realizar a proeza admirável do Ministério da Educação. Mas a essa inusitada circunstância foram postas em prática várias das idéias mais au-

daciosas e geniais que Corbusier só havia até então projetado no papel.

O espirito criador, a verdadeira cultura não floresce senão num clima de liberdade. Sob as tiranias, é claro, os gênios não desaparecem. Ao contrário, muitas vezes irrompem — pela fatalidade mesma de ter de vencer resistências obscurantistas — com violência redobrada. Mas só na liberdade, na democracia, os frutos solitários dos gênios permanecem, frutificam e se socializam. A superioridade democrática consiste em criar o clima espiritual mais capaz de dar estrutura, forma e estilo às grandes culturas, às culturas autênticas que merecem os povos com fisionomia própria ou dão a todos os estágios de civilização, mesmo os mais primitivos, ou privilégio de sobreviver os milênios.

Pesando essas graves coisas é que Lacerda pôde, da tribuna da Câmara, mostrar "a necessidade inadiável" dos deputados se solidarizarem com movimentos da ordem desses que no Brasil de nossos dias criaram essa estupenda realização que é a arquitetura moderna brasileira e os recentes museus de arte de São Paulo e do Rio. Os ouvidos parlamentares carecem de alcançar não apenas os anseios desesperados do povo, mas a colher também os anseios na frente por que participam muito mais do futuro do que do presente.

* "Já que não os temos aqui entre nós, — conclui o deputado — impõe-se-nos traduzir-lhes as inquietações e os anseios, de modo a não favorecer o divórcio da ação política com a da inteligência... Os compromissos dos políticos não se insulam apenas aos aspectos eventuais dos interesses imediatos. Mas transcendem dessa órbita limitada para fundir-se aos interesses superiores da cultura... Os povos não sobrevivem na história pelos seus empreendimentos materiais, mas sobretudo pela marca inapagável que sua cultura deixa na face do tempo".

Magníficas palavras. E tanto mais magníficas por partirem de um deputado, de um político. A política em nossos dias tende a tornar-se cada vez mais uma técnica e muito menos um combate para a elevação material e cultural do povo. Os poderes públicos à medida que

crecem, que intervêm por toda parte, que abarcam todos os aspectos da vida moderna se vão tomando em monstros irresponsáveis de mil cabeças, movidos apenas por uma norma — a da eficiência.

Contra esse novo Franpenstein o homem é sem defesa. Ou por outra, sua defesa consiste em estimular as atividades desinteressadas, mesmo as atividades pueris. No campo dessas atividades a de força resistente maior, é, sem dúvida, a arte moderna. Para Mondrian, para Gropius, a única salvação do homem em face da máquina, está em reeducá-lo esteticamente. Em fazê-lo parar em sua corrida sem sentido, em sua afobação quotidiana, para que contemple, se detenha não apenas diante de um quadro, de uma escultura ou de monumento mas também diante dos humildes objetos que o envolvem, atento a que as coisas sirvam naturalmente aos fins a que se destinam, as formas sejam adequadas às funções e a ordem derive da sincronização da imaginação com a necessidade.

A arte moderna é a integração do espírito e da matéria. Desde Marx e Rimbaud, a realidade e a poesia ou se fundem ou o mundo entra em caos. Não é possível a dicotomia a ação, domínio por excelência da política, e o pensamento, que abrange desde as intuições mais abstrusas da matemática moderna às criações mais abstratas de um Klee ou de Max Bill. Os políticos de nossos dias ou concorrem para essa Harmonia ou estão trabalhando para fazer saltar o mundo que pretendem estar dirigindo em mil pedaços, num desses dias.

Mário Pedrosa

(Transcrito da "Tribuna da Imprensa"
— Rio)

OBERAMMERGAU BRASILIENSE

Realizou-se, este ano, pela segunda vez, a representação do drama de Cristo pelos Internados da "Colônia Santa Teresa".

O "Oberammergau Brasiliense" como o chamou seu idealizador e realizador, Frei Daniel, teve desta vez mais repercussão, maior afluência de povo e melhor tratamento em todos os setores de sua organização.

Não se poderia em poucas linhas fazer caber tanto entusiasmo, tanta emoção, do que foi a representação por parte de 350 atores, que durante 3 horas desfilaram num palco enorme, tendo por ribalta um pequeno rio e por platêa uma massa de vinte mil pessoas.

Ao descerrar-se o enorme pano de boca azul com uma cruz branca no centro, para o 1º quadro, notava-se no palco a construção de cimento e pedra que vinha servir de manobra admirável às diversas solicitações cênicas dos quadros seguintes. De um plano superior, tendo ao fundo uma parede, desciam duas escadas laterais; embaixo, foi localizada a gruta para a cena do presépio. Tudo muito funcional.

Esta obra grandiosa já foi suficientemente fotografada e comentada até nos seus mínimos detalhes. Queremos ainda dizer o que significa para todos aqueles internados esta preocupação que leva meses, como um meio de recuperação social e que é ao mesmo tempo eminentemente artística. Sim, porque ao lado de todas as vantagens que possam advir para aqueles atores anônimos, resta o espetáculo artístico que é feito de sacrifício, paciência e trabalho árduo. E foi impressionante o rendimento máximo que Frei Daniel conseguiu com sua direção. Os detalhes, a composição cênica, a iluminação, os microfones habilmente instalados, revelam a cada passo estudo, perseverança e contribuição artística de cada um.

Começou de dia o espetáculo. E quando vai anoitecendo nossos olhos vão fugindo para um cenário maravilhoso onde vão se desenrolando cenas de um tempo longínquo.

W. C. S.

PAUL ELUARD

A notícia do falecimento do grande poeta francês percorreu o mundo deixando no coração dos que conheceram sua obra uma imensa tristeza. Silenciava a voz de um dos maiores poetas da língua francesa, calava a voz de um lutador pela paz. E morria cedo, aos cinquenta e poucos anos de idade, numa ocasião em que homens como ele são cada vez mais necessários. Ninguém de boa fé po-

de negar o valor de Eluard e seu significado dentro das letras francesas e universais. E a poética de Paul Eluard é uma lição para todos nós que nos inclinamos em literatura. De onde vem sua força, sua universalidade? Vem justamente da maneira profunda e ativa pela qual Eluard não só sentiu, mas também participou da vida de seu povo. É uma obra com profundas raízes, se alimentando no único terreno que dá vigor a uma realização artística, um povo e a luta deste mesmo povo contra a opressão e por melhores dias. Para sempre ficarão os poemas tão belos do cantor da Resistência, da Liberdade e do incansável partidário da paz. E ficarão de maneira viva, a nos servir de ensinamento, a nos servir de incentivo em jornadas semelhantes às dele.

Nessa nota simples e sem pretensões val uma profunda pena e uma grande saudade pela perda de um Poeta e um Lutador.

E. M.

EXPOSIÇÃO DO CLUBE DE GRAVURA DE PORTO ALEGRE

Em Nova York, em Buenos Aires, em Montevidéu, na Tchecoslováquia, na Polónia, em Viena, se realizou ou se realizará a exposição do Clube de Gravura de Porto Alegre. Onde se realizou alcançou grande êxito, merecendo da crítica as mais elogiosas referências, deixando os estrangeiros agradavelmente surpreendidos com o vigor e o talento destes jovens artistas gaúchos.

No Rio de Janeiro, na Biblioteca Nacional, também esteve a Exposição. Augusto Meyer fez a apresentação, num trabalho simpático e compreensivo. A crítica foi plenamente favorável e inúmeros trabalhos foram vendidos. Em começo de Dezembro a mesma mostra está em São Paulo com apresentação de Sergio Millet. Desnecessário se torna dizer que por certo terá o mesmo êxito. Já foi editado um album com os trabalhos que compõem a exposição. No próximo número, depois de termos em mão o album, faremos sobre o mesmo considerações detalhadas.

Por toda parte, portanto, onde esteve a Exposição mereceu da crítica e do pú-

blico a melhor das acolhidas. Muita gente há de pensar a esta altura "Pena que a Florianópolis não cheguem nunca dessas exposições".

Mas desta vez foi muito pior: a Exposição esteve em Florianópolis mas ao povo não foi dado vê-la. Sim, por mais crível que pareça. O Museu de Arte Moderna de Florianópolis, sabedor de que se providenciava a vinda da mostra, prontificou-se a realizar a mesma. Vieram as peças. Foi iniciada a elaboração de catálogos, marcado internamente o dia. De repente, não sabemos por que mutação de temperamento do Sr. Diretor, suspenderam-se os catálogos e, numa nota minúscula perdida em meio a matéria de um jornal, quem por acaso a topava, tomava conhecimento de que fora inaugurada e de que ela estava aberta das 17 às 19 horas de 22 a 26 de outubro. Ninguém soube ou participou da referida inauguração. O horário da exposição era péssimo. No entanto nem este horário proibitivo foi observado, pessoas e mais pessoas que lá estiveram encontraram (como sempre) o Museu fechado. Quando uma noite, por um acaso, ao se realizar no prédio uma conferência, as pessoas presentes tiveram oportunidade de ver os trabalhos, eles causaram nesses poucos e ocasionais privilegiados a melhor das impressões.

Mas não cessa aqui o incompreensível boicote do Sr. Sálvio de Oliveira (incompreensível quando parte de alguém que é apontado como incentivador das artes e pugnador pelo alevantamento do nível artístico de nosso povo) à referida exposição. Sabedor de que a Exposição de São Paulo dependia da ida das peças que aqui se encontravam, Sua Senhoria levou um mês para providenciar a remessa das mesmas pela Varig. E não se diga que foi esquecimento; por recados, telefonemas, empenho junto a pessoas ligadas ao Museu, enfim de uma maneira quase impertinente nós lembramos a Sua Senhoria a necessidade de a Exposição seguir. Só não mandamos por conta própria as gravuras porque algumas estavam guardadas na residência do Diretor do Museu, e ele não as desencantava.

Fatos com estes dispensam comentários.

Limitamo-nos em enviar os Leitores para os dois trabalhos que abaixo seguem.

E. M.

NESTA Exposição acha-se representado, com extraordinária unidade de propósitos, o esforço de um grupo de artistas gaúchos, de Porto Alegre e Bagé, congregados em fins de 1950 nos Clubes de Gravura. Esta iniciativa merece a atenção de todos os que se interessam pela valorização das artes gráficas no Brasil.

Animados pelo exemplo dos gravadores modernos, verificaram os agremiados que as técnicas da xilogravura e da gravura em linólito permitem a mais ampla divulgação, além de uma reprodução em condições de perfeita fidelidade ao caráter do original. A arte de gravar, desde a infância do livro, sempre andou lado a lado, e em íntima conexão com a arte de imprimir.

Empenhados na obediência ao espírito de uma obra a um só tempo nacional e humana, os gravadores representados nesta Exposição voltaram-se para o imediato, a realidade do ambiente, sem o mais leve traço de regionalismo ostensivo. E se nesta mostra aparecem com alguma ênfase os temas considerados mais representativos da vida gaúcha, é que os artistas souberam renovar a tradição, através da experiência — e às vezes com mais rica humanidade, mais profundo frescor que os seus irmãos da arte literária.

AUGUSTO MEYER

(Do catálogo da Exposição realizada na Biblioteca Nacional, Rio de Janeiro, em outubro de 1952).

Observa-se atualmente, no Brasil, um grande entusiasmo pela arte da gravura. Não somente no Rio e em São Paulo proliferam os gravadores, abrem-se cursos e escolas de gravura por toda parte. Entre essas que vão surgindo aqui e acolá, merecem ser realçadas as de Porto Alegre e Bagé, de cujas atividades temos uma amostra nesta exposição.

A arte da gravura é das mais populares porque de menor custo e maior facilidade de divulgação. E' preciso incentivá-la se desejamos uma democratização efetiva da arte. Por outro lado, a gravura

tem no livro um veículo admirável e um companheiro de destino. E os que amam a bela edição bem sabem que ela não pode existir em toda a sua plenitude sem o gravador.

Os rapazes dos clubes de gravura de Porto Alegre e Bagé não são estrepantes, embora poucos dentre nós os conheçamos. Sua técnica de xilogravura e do linólito se evidencia segura e a mensagem que exprimem é clara e generosa. Uma mensagem realista, de fé no homem do trabalho, no construtor da riqueza gaúcha, uma mensagem, à vida sadia, ao esforço cotidiano.

A pesquisa desses rapazes é menos de forma que de expressão, e, em uma época que se preocupa quase exclusivamente com a forma, essa vontade de encontrar "mais" alguma coisa me parece perfeitamente compreensível e justificável.

Sergio Milliet

(Do catálogo da Exposição realizada na Biblioteca Municipal de S. Paulo, em dezembro de 1952).

CASA VITOR MEIRELES

Inaugurou-se, dia 15 de novembro pp., a Casa de Vitor Meireles. Atitude das mais louváveis foi a tomada pelo Serviço do Patrimônio Histórico. Agora, mais cedo ou mais tarde, à medida que forem sendo recolhidos, não só as obras mas também livros e demais pertences do pintor catarinense, para a casa onde ele nasceu, se terá um patrimônio valioso. Apenas — por que será que em todas as coisas existem os "apenas" — apenas não podemos compreender a norma que norteou os organizadores do Museu, pois várias e até absurdas são as contradições encontradas, com as quais, em absoluto, não podemos concordar. Nem silenciar. Sabemos, por exemplo, que até o alinhamento da rua, que deve ser alargada, foi quebrado para que não se mexesse no prédio, ficando, portanto, como ficou bastante para fora. Pois bem: agora, quando da inauguração, tivemos a oportunidade de observar que, por dentro, a casa foi mantida como estava, o que é ótimo, até algumas paredes pendentes que estavam, pendentes ficaram; enquanto isto na porta, uma porta daquelas

bem antigas, foi colocada uma chave Yale e as lâmpadas são das mais modernas que se pode conseguir. Francamente...! Um pouco de coerência não faz mal a ninguém. Já que a rua, o que é importante, foi prejudicada, poder-se-ia, com um pouco de esforço e boa vontade, procurar uma maneira de deixar o mais de acordo com o caráter restante do prédio.

Não nos agradou também o horário: das 14 às 18. Um horário totalmente absurdo, por impossibilitar a visita das pessoas que trabalham, pois o horário é o mesmo das horas de serviço. Não seria nada difícil abrir, por pouco que fosse, à noite, bem como nos dias feriados e domingos.

"L E R"

Todos os motivos nestas coisas de publicações literárias, sabemos das tremendas dificuldades com que se tem que lutar, para a manutenção — e a custa de que enormes sacrifícios — de uma revista ou jornal de cultura. O auxílio concedido, regra geral, é nenhum ou mínimo. Os anunciantes pouco estão se interessando, nas maior parte das vezes, pela qualidade do texto. O que lhes importa é a tiragem. E bem sabemos quais publicações têm maiores tiragem. Então, fica-se sempre a esperar de cada novo número, que seja o último. Sabe-se, é lógico, do esforço, da boa vontade que vai até o sacrifício, dos que se dedicam a semelhantes tarefas. Mas, convenhamos, tudo tem um limite...

Acontece no entanto que algumas vezes as coisas não são bem assim, não tem esse caráter tão pessimista que estamos dando ao quadro. Pessimistas porém verdadeiro. Acontece que fatores outros que não vem ao caso agora explicar, permitem a continuidade de um desses órgãos.

No Brasil são poucos os que têm uma vida longa. Bastas vezes já nos temos referido ao fato, que, não repetimos agora, com receio de cansar o leitor. Frisemos somente que, hoje em dia, se podem contar a dedo as revistas e jornais de letras, artes e ciências que circulam entre nós. E de todos, nos parece, apenas uns dois ou três saindo com normalidade.

Não garantimos, mas nos parece que em Portugal o mesmo se dá. Temos tido conhecimento de publicações que surgem e logo desaparecem, quer seja por falta de uma sólida base econômica, quer por diversos outros motivos. Como quer que seja, é uma grande satisfação para nós, ver um desses órgãos ir avante. É o que, atualmente, se dá com "LER". Publicação bem feita, com material escolhido, trazendo, em cada número colaboração dos nomes mais em evidência nas letras portuguesas, com entrevistas, notas e informações, reproduções de quadros, etc., vem fazendo um ótimo trabalho de divulgação das letras de Portugal. Seus editores prometem, para breve, transformar o jornal, de mensário em quinzenário. Tomara que tal se dê. Ficamos torcendo por isto. Mas, sem pessimismo, apenas com realidade, como alguém que está mais ou menos a par das coisas — e julgamos não ser a situação, referente a tais problemas, em Portugal, muito diferente do Brasil — ficamos torcendo para, já não dizemos que o jornal passe a quinzenário, mas para que continue, com a mesma regularidade e precisão, a nos trazer notícias dos escritores portugueses.

NOTÍCIAS DE PORTUGAL

1

"Eu, pescador, me confesso..." é o livro de contos que a romancista Adelaide Félix publicará na Primavera de 1953.

2

O poeta Alexandre O'Neill vai publicar um livro de poemas.

3

O vigoroso jornalista Guedes de Amorim publicou um livro de contos com o título de "Caminhos Fechados".

4

O escritor Octávio Rodrigues de Campos publicou uma "planquette" na qual evoca as figuras de Mouzinho de Albuquerque e do Marechal Lyautey.

5

A consagrada romancista Maria Archer tem para breve um novo romance: "Nada lhe será perdoado".

6

Em 14.12.1952 faleceu o poeta Teixeira de Pascoais que, com Guerra Junqueiro e Leonardo Coimbra, iniciou o movimento literário denominado "Renascença Portuguesa" e que teve na revista "A Águla" o seu expoente máximo.

7

Maria da Graça Azambuja tem estado em foco com o seu romance "Primeira Viagem".

8

Américo Faria começou a publicar biografias de personalidades ligadas à história pelo infortúnio.

9

O sábio almirante Gago Coutinho acaba de publicar "A Náutica dos Descobrimentos" — notável trabalho em cuidada edição da Agência Geral do Ultramar a cujos destinos preside o Dr. Banha da Silva.

10

A "Fundação da Casa de Bragança", sob a presidência do Dr. António Luiz Gomes, acaba de publicar "Cartas de D. Manuel II a Edgar Prestage", tradução de Luis Cardim e notas de António Alvaro Dória.

11

O romancista Alves Redol publicou "Vindima de Sangue". É o terceiro volume, e último, que este festejado romancista nos dá sobre o "Ciclo Port-Wine".

12

O poeta Mário Mota — que está desenvolvendo intensa atividade literária no sentido de uma maior e melhor aproximação espiritual luso-brasileira — anuncia para breve um trabalho sobre o malogrado poeta José Duro.

13

O escritor Luiz Forjaz Trigueiro, que tão brilhantemente dirige o "Diário Popular" iniciou a sua colaboração como crítico literário no "Jornal de Letras" do Rio.

14

Começou a reger nas Universidades portuguesas um curso de literatura brasileira o escritor Alvaro Lins.

15

Pedro da Silveira vem dirigindo a crítica literária em "Átomo" e "Ler", por forma que está despertando viva curiosidade.

(do Correspondente)

NOTÍCIAS DO RIO GRANDE DO NORTE

Estreia da jovem poetiza Zila Mamede com "Rosa de Pedra"

Aguarda-se com vivo interesse nos meios literários do Rio Grande do Norte a estreia da jovem e talentosa poetiza norte-riograndense, Zila Mamede, com o livro "Rosa de Pedra", numa edição de luxo da Editora "HIPOCAMPO", que obedece à orientação dos escritores Geir Campos e Thiago de Melo.

Zila Mamede que já se tornou conhecida e admirada pela sua presença nos suplementos literários dominicais de Natal e de outros Pontos culturais do país, tem a sua estreia em livro marcada para princípios do próximo ano, quando receberá daquela editora os primeiros exemplares de sua obra.

"RUMOS", ainda este mês, marcará o retorno de um poeta

Com várias e sugestivas ilustrações do pintor Dorian Gray, aparecerá, por estes dias, nas livrarias de Natal, o segundo livro de poemas do jovem escritor Luiz Rabelo, uma das mais fortes vocações artísticas dos novos norte-riograndenses.

Estrelando em 1950 com "Último Canto", livro que lhe granjeou popularidade e prestígio nos meios literários do país, assim como simpáticas ressonâncias até no estrangeiro, pois muitos de seus poemas foram traduzidos, com destaque, para jornais e revistas de França, Inglaterra e países da América do Sul, Luiz Rabelo voltará agora refortalecido

pela longa e sempre reclamada ausência dos suplementos, num trabalho que o próprio escritor achou por bem classificar de "amadurecimento de ideais".

Ao que tudo indica, "Rumos" marcará um acontecimento novo na vida literária da província.

"Revolta" — o segundo livro de contos de Aluizio Furtado de Mendonça

Prepara-se ativamente o autor de "Silêncio das Horas" para entregar ao público do Rio Grande do Norte, no primeiro semestre de 1953, o seu segundo livro de contos "Revolta", numa edição de "Revista de Letras".

"Revolta" compor-se-á de dez contos, com ilustrações do pintor Dorian Gray.

Voltará à atividade literária o poeta B. Pinto

O jovem escritor João Batista Pinto, pertencente ao movimento encabeçado por "Revista de Letras" para movimentação da província do Rio Grande do Norte, em palestra com o redator destes ligeiros apontamentos, reafirmou os seus propósitos de voltar à atividade literária, da qual se encontrava afastado há algum tempo por preocupação outras de estudo e trabalho.

João Batista Pinto que, sem nenhum favor, pode ser apontado como um dos valores mais seguros da prosa de ficção e da poesia nova do Rio Grande do Norte, regressará à literatura com uma plaquete de contos intitulada "Simôa", numa edição de "Revista de Letras", também no primeiro semestre de 1953.

O Contista Geraldo Carvalho promete novas incursões

O contista Geraldo Carvalho, diretor de "Revista de Letras" e um dos mais respeitados agitadores literários da província do Rio Grande do Norte, em palestra com o autor dessas notas, e em vista da calma que se esboça nos meios

culturais de Natal, afirmou que, dentro de mais alguns dias, reiniciará também ele suas atividades, agora em 1953, com um plano de ação que, segundo tudo indica, causará surpresa pelo ineditismo e força de que se revestire. Pelos menos, algumas plaquetes para 1953 já estão previstas e só isso é o bastante para desconfiar dos planos dos novos de "Revista de Letras".

(do Correspondente)

Depois do lançamento de "Velhice e Cadernos e Edições "SUL"

outros contos", de Salim Miguel," "A Ponte (prosa e verso)", de Antônio Padino, pelas Edições "SUL" e de "Idade 21", poemas de Walmor Cardoso da Silva, pelos Cadernos "SUL", mais um volume acaba de aparecer dando prosseguimento ao movimento editorial, que, conjuntamente com a revista "SUL", tem procurado divulgar os novos autores catarinenses. Tratá-se, este último lançamento, do volume "Manhã", poemas de Eglê Malheiros, Cadernos "SUL" — II. São 25 poemas, num pequeno volume de 32 páginas, escolhidos entre a produção da poetisa que vai de 1947 a 1952, trazendo uma capa do artista Carlos Scllar.

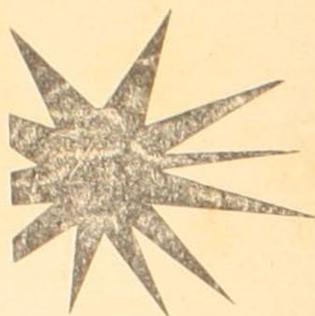
Para o começo do próximo ano estão programados:

Nas Edições "SUL" o volume "Contistas Novos de Santa Catarina", com ilustrações de artistas plásticos catarinenses; e "Piá", contos de Guido Wilmar Sassi.

Nos Cadernos "SUL" o volume de poemas de Anibal Nunes Pires "Terra Fraca".

Diversos outros trabalhos estão em estudo, sendo que um vasto programa editorial está em vias de elaboração, apresentando não só nomes de elementos já divulgados através da Revista "SUL" — órgão representativo do grupo — mas também de autores quer seja conhecidos, quer seja inéditos.

Cadernos "SUL"



EGLE MALHEIROS

MANHÃ
MANHÃ
MANHÃ

Cadernos SUL

Cr\$ 10,00

Edições "SUL"

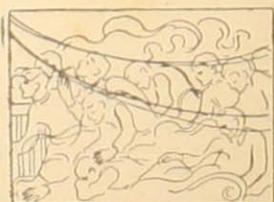
Artônio Paladino

SALIM MIGUEL

VELHICE
e outros contos

A PONTE

PROSA E VERSO

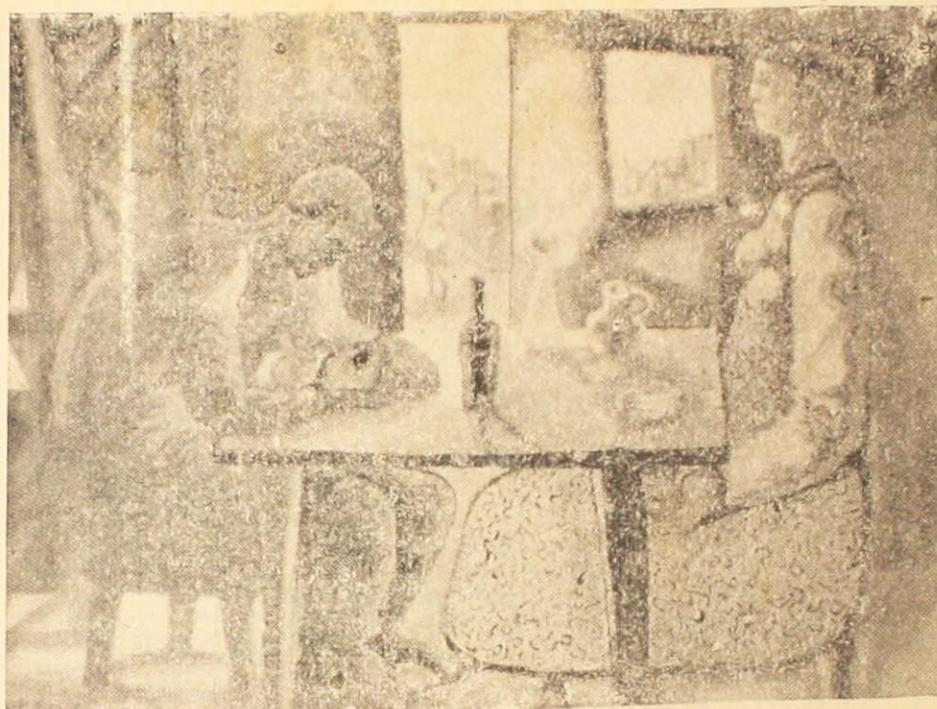


EDIÇÃO SUL | FLORIANÓPOLIS

Edições SUL II

Florianópolis

Cr\$ 25,00

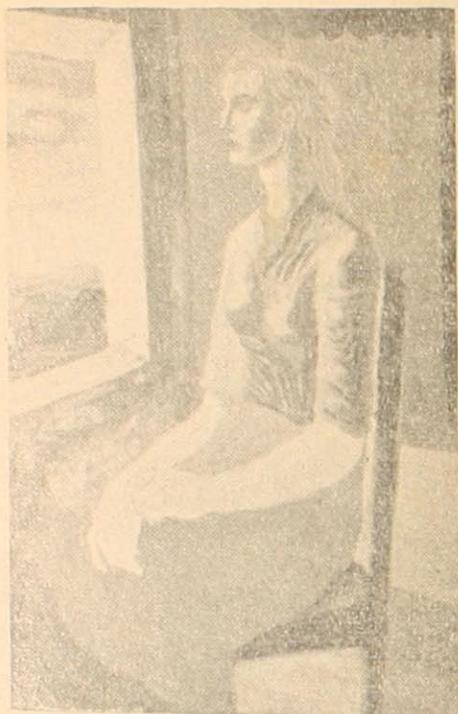


A refeição do operário — óleo sobre papel — 1948 — Lima de Freitas

De entre os jovens pintores portugueses, Lima de Freitas é, sem dúvida, um dos mais destacados. Nenhum, como ele, é capaz de tocar uma gama tão vasta de emoções: tão à vontade está no tratamento dos temas dramáticos ou heróicos, como no das cenas íntimas, dos amantes jovens, do lirismo cândido ou entenebrecido. Esta é a primeira característica da sua obra — o desejo de abarcar a vida na pluralidade dos seus aspectos. Rica é a sua maneira de entender as coisas como rica é a sua maneira de no-las descrever. Desde os seus primeiros desenhos que Lima de Freitas se revelou senhor de uma grafia original e variada, praticamente sem antecedentes dentro da pintura portuguesa. A com-

preensão e o amor que põe na descrição das formas, sejam estas as das folhas que caem ou as das trajetórias dos astros, constituem outra das suas características fundamentais.

Para um conteúdo rico de problemas humanos, tem sabido Lima de Freitas encontrar uma forma à altura de os traduzir. Ao contrário do que normalmente sucede com os pintores da sua geração, que se encontram ainda sob a tutela esmagadora da escola de Paris, Lima de Freitas assegurou já uma saudável posição de independência. A pesquisa de carácter puramente formal, cuja raiz não é senão uma concepção desordenada da vida e da história, uma concepção humanamente pobre, não tem cabi-



Mulher à janela — óleo sobre papel — 1950 — Lima de Freitas

mento na sua obra. Outros, e melhores são os seus objetivos, como outra, e maior é a sua concepção da vida, claramente revelada nas suas pinturas e nos seus desenhos.

Uma concepção jovem e esmagadoramente otimista. Nas convulsões do mundo atual, com clareza distingue o que está caduco do que traz a força das madrugadas. Implorado para as forças que negam o homem, marca-as a fogo com o cruel realismo que aprendeu no Bosch. Não destrói, sómente pelo prazer de destruir; aliás, nada menos destrutivo que a sua obra, mensagem de esperança consciente. Esperança que ele sabe encontrar nas suas figuras de jovens sofrendores mas decididos, nas cenas de

bairros operários, nas reuniões camponesas. Se os seus personagens trazem os estigmas duma existência tormentosa, não excluem a voz da razão confiante.

Tal é o sentido profundamente atual da obra de Lima de Freitas. Quanto ao seu enquadramento a dentro do panorama da Arte portuguesa contemporânea, desde a primeira hora esteve ligado aos que, desde há alguns anos para cá, tem vindo a marcar uma posição de combate ao formalismo modernista, indo, por outro lado alicerçarem-se ideologicamente junto às mais fundas aspirações do seu povo. O que, como será óbvio, não lhe tem atraído as benesses oficiais.

Júlio Pomar

CONTISTA NOVOS DE SANTA CATARINA

— 3 —

— SUL —

Florianópolis, 1952.

VIII — No bar e café "Expresso" — Hugo Mund Jr.: Nome já bastante conhecido de nossos leitores, especialmente como ilustrador, Hugo Mund Jr. publica neste número um conto que será uma surpresa para muita gente. Bem jovem ainda, Hugo também começou, da mesma forma que J. P. pelo teatro e pelo jornal "OASIS", onde além de ilustrações publicava alguns artigos. O conto presente é sem dúvida uma dos melhores que já temos publicado na revista, possui muita precisão de linguagem, com uma história bem construída e que se ergue com estranha força diante do leitor. Lembrando às vezes Tchecov, o desenhista Hugo Mund Jr. uma das esperanças das artes plásticas das novas gerações catarinenses, agora assina um conto que deixa para trás muito trabalho de veterano. Esperemos outros trabalhos dele, no gênero, para ver se confirmarão suas possibilidades.

IX — A boneca — O. F. de Melo Filho: Tendo publicados dois interessantes trabalhos sobre folclore ("Boi de Mamão" e "Terno de Reis"), especialmente interessado em música, curioso de teatro, nem por isto deixa de tentar outras modalidades de arte. E a prova de que não se vai mal é o conto presente, onde consegue, apenas sugerindo, construir com um tema aparentemente banal e batido, um conto muito sugestivo e onde, depois da leitura, permanece o tipo da menina, bem como o clima que ele tão bem soube preparar. Escrevendo com esmero, não se descurando, mas também não caindo no gramatiquismo, possuindo boa imaginação, muito ainda se pode esperar de O. F. e prova de que ficou dito é o conto que dele apresentamos.

X — Flores — Anibal Nunes Pires — Desde o primeiro número diretor da "SUL", Anibal foi e é o incentivador — embora sendo ainda jovem — de várias gerações de outros jovens, que guiados por ele se tem interessado pelas letras. Professor que procura compreender e ser um amigo dos alunos, Anibal está sempre pronto a esclarecer dificuldades e liquidar dúvidas. Antes da saída de "SUL" o único que possuía maior número de trabalhos publicados. Poeta, tem pronto para os "Cadernos SUL" um volume, "Terra Fraca", que deverá sair em meados de 1953. Além disto Anibal escreve crítica e mui especialmente contos, sendo que alguns de seus trabalhos no gênero têm sido bem recebidos pela crítica. Sua característica principal é o tom poético e um profundo sentimento de humanidade, impregnando tudo o que escreve. Colaborou na "Revista Branca". O trabalho que dele apresentamos é bem característico e reflete bem a tendência que acentuamos.

XI — Reflexo de uma tragédia — Arnaldo Brandão: Catarinense de Itajaí, residindo há muito tempo no Rio, onde acaba de se formar pela Faculdade de Filosofia (Curso de Jornalismo), tem já tres (3) livros publicados, sendo 2 de poesia "Bas-Fond" (Versos Existencialistas) e "Poemas de Arbran", um deles premiado em recente congresso internacional de poesia. O terceiro livro "Um brasileiro nos Caminhos da Europa" é um livro de viagens que retrata a experiência do autor durante sua recente viagem por alguns dos países do velho mundo.

Brandão também se dedica, como o mesmo carinho, à ficção. Prova é o conto que nos mandou e que aqui damos aos leitores, nesta secção que visa primordialmente mostrar os novos autores do Estado. "Reflexo de uma tragédia" mostra bem o temperamento do autor e reflete suas tendências, dando, por outro lado, uma idéia ao leitor das possibilidades deste jovem que com este trabalho estréla nas páginas de Nossa revista.

NO BAR E CAFÉ "EXPRESSO"

Hugo Mund Jr.

O movimento no Bar é intenso, um nunca acabar de gente entrando e saindo, de corpos que se espremem no balcão, de empurrões, gritos e conversas. O cafêzinho é servido desde às sete horas da manhã até alta noite. E como essa gente toma café! Ninguém dá conta do serviço e as empregadas só param mesmo pra comer e fazer as necessidades.

As mãos das empregadas são vermelhas, os cabelos num instante ficam desfeitos, os pés latejam dentro das sandálias, desaparece o brilho dos olhos. Figuras apáticas andam dum lado para outro, lavando e enxaguando xícaras, trocando fichas e servindo cafêzinhos. A água ferve e desprende vapor que se fixa nos rostos abatidos e os tornam luzidos. O calor sufoca. E os homens invadem o balcão de mármore, ávidos e sequiosos, abrindo caminho com os cotovelos, falando aos gritos, homens górdos e prósperos, homens exigentes, homens arrogantes.

Na Caixa o gerente supervisiona o bom andamento de tudo. Observa, com olhar severo e frio, as empregadas quando nota qualquer falta entre elas seus lábios se movimentam, como se praguejasse, mas não se ouve nada. Usa óculos e tem um bigode de fios duros como arame.

Um importante funcionário, de cara chupada e ossuda, cuja carreira maravilha os colegas, irrepreensivelmente trajado, gestos expansivos e teatrais, ostenta uma vaidade e uma admiração por si próprio que não procura dissimular diante de um amigo menos favorecido que, extático e risonho, não se cansa de admirá-lo.

O funcionário fala com afetação e cada vez se engrandece mais, pois sabe ser admirado e invejado pelo outro.

— Cafêzinho pra dois — diz com uma espécie de desinterêsse que encanta o amigo.

A conversa gira sobre política; a opinião do funcionário é insensata, opinião de cérebro estreito, mas o amigo, apesar de pensar o contrário, concorda vivamente com tudo. E até engrossa, com comentários, afirmações absurdas.

O café é servido, quente e cheiroso. O amigo sente ganas de abocanhar a xícara, mas por delicadeza espera que o funcionário apañe a sua primeiro; o funcionário, distraído pela verbosidade, só pensa em expor idéias e mais idéias. Fala de G..., político sujo e intransigente, arrasa F..., deputado, elogia M..., hipócrita e ladrão. Discute tal projeto e conta um caso de aparência obscura que pede para não passar adiante. Por fim vê-se que o café esfria. O amigo impacienta-se:

— Com licença... — e puxa a xícara mais próxima.

O funcionário finge-se perturbado:

— Oh! o café...

E logo perturba-se seriamente, gritando:

— E o leite? Ó garôta... esqueceram o leite!

A rapariga já está longe, servindo outros freguêses, e não percebe a reclamação. Naquêlê tumulto ninguém dá a mínima atenção aos seus gritos.

Um funcionário de seu tipo deve se revoltar diante disso. E, para causar bôa impressão, nunca é demais se alterar e tornar a voz sibilante:

— Faz favor, tragam-me leite! — e para o outro — É um desafôro, não perguntam como a gente quer o café... um desafôro!...

— O sr. toma com leite? — pergunta o amigo.

— Invariavelmente. Sôfro do fígado. — e para as empregadas — Como é? Vem ou não vem êsse leite?

A rapariga traz uma leiteira e dispõe-se a servir.

— Mas sirva em outra xícara, êsse café já está gelado!

A rapariga dá de ombros.

— Paga duas! — grita.

— Como "paga duas"? se nem tomei o café...

— É ordem da casa — esclarece a rapariga, aborrecida com os modos antipáticos do sujeito.

— Isso é um abuso! Que impertinência! Chame o gerente, quero falar com o gerente! — o importante funcionário mostra-se ofendido até o fundo da alma e fuzila a pobre empregada com um olhar indignado.

O gerente, que tudo ouviu, berra da Caixa:

— O freguês tem razão, vale um café.

E para si:

— Estas estúpidas! Sempre confundindo freguêses ricos com malandros...

O descontente funcionário sai para a rua com o amigo, criticando a falta de educação e servilismo das empregadas de hoje. O funcionário cheio de si e o amigo tôdo providencial e sorridente.

— 0 —

Não há um momento de folga... comerciantes, bancários, funcionários públicos, políticos, militares, indivíduos de profissão ignorada, indivíduos magros, gôrdos, de bigodes, carecas, miopes, narigudos, simpáticos, feios, alegres, sorumbáticos... tôdos sorvem o líquido negro, os beiços estalando de quentura e prazer.

— Cafêzinho pra mim!

Um rapaz escabelado se acotovela no balcão. Sujo de graxa, calça cáqui, irrequeto e brincalhão: motorista com certeza.

Maura coloca uma xícara na sua frente e despeja café.

— Ó beleza! Tá fervendo... — e reparando na empregada — Que é que há, querida?

— Nada.

Maura não se sente bem esta tarde. Um máu estar... uma pal-pitação no peito... decerto o calor... Nos outros dias aceita impas-sível as gracinhas que os homens soltam — porque, além de toma-rem café e discutirem, os homens gostam de se dirigir às empregada-s com palavras amáveis que sugerem muitas vêzes coisas inde-centes. E hoje, enquanto serve outros freguêses, ela ouve com nójo as palavras do motorista que procura se divertir.

— Ela não qué nada contigo! — exclama um camarada ao lado.

— Dêxa que de noite, num matinho, nós se entendêmo...

Diante do motorista fica a pia onde Maura tem que levar umas xícaras.

— Olhe cá, meu bem... — começa o rapaz aproveitando a ocasião.

— Não amola, sim? Eu não estou boa hoje...

— Mas que é isso, amor? Eu não estou boa hoje...

Cansada como está, Maura não tem mais domínio sobre sí. Faz as coisas automaticamente e as palavras saem quase sem ser pen-sadas:

— Vá brincar cá sua mãe!

O motorista explode. Tudo nêle é exaltado, o modo de falar e o de ofender:

— O quê, sua filha da puta! Tu pensa que mãe anda em boca de vagabunda?

A agitação em redor pára. Olhares curiosos se fixam no rapaz e na empregada. O gerente ergue-se da cadeira. Lá do fundo vem um protesto:

— Toquem pra rua êsse senvergonha!

O motorista volta-se enfurecido para um vizinho:

— Acha que eu vou deixá essa cachorra falá dêsse jeito? Eu sou hôme bastante pra quebrá os córno de quem quizer! De fêmea e macho que tóca no nome da mãe!

Maura, esgotada, deixa-se ficar quieta; nada percebe claramente, pois uma névoa azulada cobre seus olhos. O que ela vê com perfeição diabólica é o motorista com seus modos grosseiros; a mão pega má-quinalmente uma xícara cheia de água fervendo e num segundo a cara do engraçadinho está ardendo como fogo.

O pessoal acode. Maura corrê para a privada e tranca a porta. Carregam o motorista para fóra. O gerente, preocupado com as con-sequências do incidente, procura acalmar os ânimos, dá ordens, faz as empregadas voltarem ao trabalho, desculpa-se com uns conheci-dos... Não foi nada, não foi nada. Discute-se, uns aprovam a atitu-de da moça, outros defendem o rapaz — mas logo esgotam-se as opi-niões e tudo volta à rotina. Chegam novos indivíduos apressados e os que saem vão para suas ocupações.

Só as empregadas que passam pela porta da privada ouvem os soluços penetrantes de Maura.

— 0 —

No meio da noite as portas do Bar são fechadas. As empregadas, com exceção de Maura, vão-se embora e tudo cai num silêncio apaziguante, interrompido pelo chiar da vassoura do prêto que varre o chão. O gerente, incansável, caminha a passos largos, o olhar duro e glacial por trás dos óculos. E, enquanto caminha, vai falando aos arrancos:

— Bonito trabalho!... Além de insultar o freguês joga água na cara dêle! Onde já se viu tamanha asneira? Só com vocês é que acontecem tais coisas... E depois, em vez de voltar para o serviço, se tranca na privada... Nunca vi tanta estupidez!

O gerente sabe ser brutal quando se trata de insultar uma criatura fraca e indefesa. O sorriso servil, as maneiras amáveis e humanas, reservam-se para os ricos e influentes.

— Está despedida! — a voz do gerente é resoluta.

Maura, com os olhos vermelhos e inchados, os ombros sacudidos pelos soluços, aperta as mãos de encontro à barriga. Não sabe o que fazer e tem tanta coisa para dizer! Tem que dizer, por exemplo, que sustenta a casa, a mãe doente e os irmãos; que é difícil encontrar emprego em outro lugar; que tem agora fome e está morta de cansaço, que a cabeça lateja e a fronte queima de febre. No entanto, ela move os lábios e, trêmula, murmura:

— Sim... está certo... quer dizer que não preciso mais voltar?...

— Não! Está despedida. Pode ir embora.

E vendo-a tão desamparada, tão submissa, pensa: "por que vou ter consideração com esta criatura miserável e inofensiva, esta cadela, que nunca mais hei de encontrar na vida? Eu conheço essas tipas! Depois de fazer a sujeira fingem-se de inocentes e humildes... Ah! Gosto de vê-las, assim, nos seus devidos lugares, implorando, arrastando a cara no chão, sem coragem de fitar o senhor... Verdadeiramente, isso já é alguma coisa. Posso chamá-la de tudo aqui dentro, posso espancá-la, posso mesmo... sou dono dêste trapo!"

O gerente tenta avançar para ela, aí avista o prêto que varre e se contém. Uma nova reflexão e êle desiste de seus propósitos, desabafando o ódio em mais uma injúria:

— Vá fazer sacanagem lá na rua!

Maura está com o conhecimento muito abalado. Quase não escuta a voz do gerente, tudo lhe parece distante, sumido. Compreende mais ou menos que já são horas de ir para casa... Foi despedida... Não é preciso voltar amanhã cedo... Nunca mais. Vai andando lentamente até a porta. Por que é que jogou água? Estúpida! O patrão lhe diz tantos nomes... o patrão, um homem instruído...

A porta se fecha atrás dela. A noite é fria e escura, mas mesmo assim acolhe os pobres diabos que têm fome e são humilhados,

A BONECA

O. F. de Melo Filho

Ela olhou pela décima vez; talvez mais, não sei — é coisa difícil acompanhar o vôo de um par de olhos inquietos, mesmo quando êles têm apenas uns seis anos de idade. O importante é que dessa vez seus olhos, uns olhos grandes e negros, já sem aquela pressa das borboletas, pararam no objeto que os atraia: uma boneca, uma dessas bonecas grandes, que à maneira de gente grande que tem fígado, coração, muitos dentes e nenhum miolo, dizia duas palavras sem expressão, sem vida, sem nada. Era preciso ainda que fôsse virada, sacudida, e então ouvia-se um murmúrio. Eu, de minha parte, pouco distinguí aquilo de uns miados, mas o certo é que Maria olhava perdida para ela, e ouvia palavras. Não sei se é preciso dizer que eu já estava, nêsse momento, entregue àqueles olhos. A sua dona tinha um vestidinho azul, um pouco mais claro que o céu daquela manhã. Os sapatinhos eram brancos. Eu já sabia o seu nome, porque uma senhora de chapéu branco e preto, de vez em quando dizia: Maria, não sai prá longe. Devo dizer, também, que o nome não me causou surpresa alguma. Foi como se já o soubesse. É que... não sei se isso acontece com todos, mas a mim me parece que certas pessoas não poderiam ter outro nome: algumas têm cabelos de Marta; outras, bôca de Tereza; outras só poderiam chamar-se Stela, e aquela era Maria. Maluquice minha, mas não poderia deixar de pensar assim. E Maria, perdendo-se na boneca, levou consigo o meu olhar que já lhe pertencia. Ao contrário dos olhos da menina, a boneca tinha um vestidinho todo branco, de um branco igual ao dos sapatinhos e das meias também. Dava até para a gente admirar a persistência do gosto de quem a vestira. Tudo absolutamente branco, até o cordãozinho dos sapatos e a touca. Por causa disso, eu já estava me perdendo em pensamentos que não tinham sentido nenhum, quando se deu o caso. Num instante, vi a boneca nos braços da menina de vestido azul. Os olhos negros de Maria, não os podia ver agora. Estavam abaixados sobre a boneca, contemplando talvez menos em súplica e mais em regozijo aquela criancinha de massa, que, ao deitar-se, diz uma palavra (agora eu distinguira "mamãe") e que sacudia umas fitinhas brancas, também brancas, como o vestidinho, a touca e os sapatinhos. Essa cena, no entanto, durou pouco. Estupidamente pouco: Num lance rápido e que me pareceu desnecessariamente brusco, a dama de chapéu preto e branco devolveu o objeto dos últimos sonhos de Maria.

Foi então que dei atenção às duas mulheres que se encostavam à cêrca. A dona da boneca tinha uma cara ingênua — cara de lua cheia, que contrastava profundamente com a da outra. Não tinha

desta os olhos a pedir trégua, as rugas podadas, nem a mistura de tintas pela face. Também seus cabelos demonstravam côr natural. Quem descesse os olhos, veria também que até a posição das pernas e dos braços não exalavam aquêle inconfundível aroma de deboche e lascívia que caracterizam aquelas que, segundo aprendi numa canção de serenata, são irmãs da lua, porque "também, são de todos..." A irmã da lua que dera a boneca, parecia esperar que lha devolvessem. Segurou-a, ajeitou a touca mais branca que leite, com dedos calmos, e limitou-se a dar as costas à dama de chapéu preto e branco. Depois, cuspiu em direção a uns latões de gasolina.

Até agora não tive tempo de dizer que estávamos num aeroporto, à espera do chamado para embarcar num desses bimotores, a bordo do qual comeríamos sanduiches de uma caixinha de cartolina, brincaríamos com os cintos, e rezaríamos para não cair. Nem todos os do nosso grupinho — e éramos de oito a dez — haviam dado, ao que parece, muita atenção aos olhos de Maria. Ocupavam-se das duas mulheres encostadas à cêrca. Alguém disse que eram de um cabaré, outro sugeriu que tinham formas apreciáveis e outro, possivelmente o mais tolo, falou qualquer coisa sôbre a boneca e instinto maternal... Apenas a senhora de chapéu branco e preto e uma outra, que tinha arês de quem se aborrecia com o azul do céu, cochichavam mais discretamente a um canto. Possivelmente tinham ouvido os comentários feitos sem muito pudor, ou valeram-se, simplesmente, de sua observação. O certo, é que Maria não entendeu nada daquilo. Via-se ainda em seus olhos que agora estavam menores; enxutos, mas estupefatos, ante as surpresas que se seguiam. Esses mesmos olhos se ergueram para a senhora e perguntaram:

— Por que não deixou, mamãe? A moça é que deu... ela é grande, prá que é que quer boneca? Hein, mãe, por que? !...

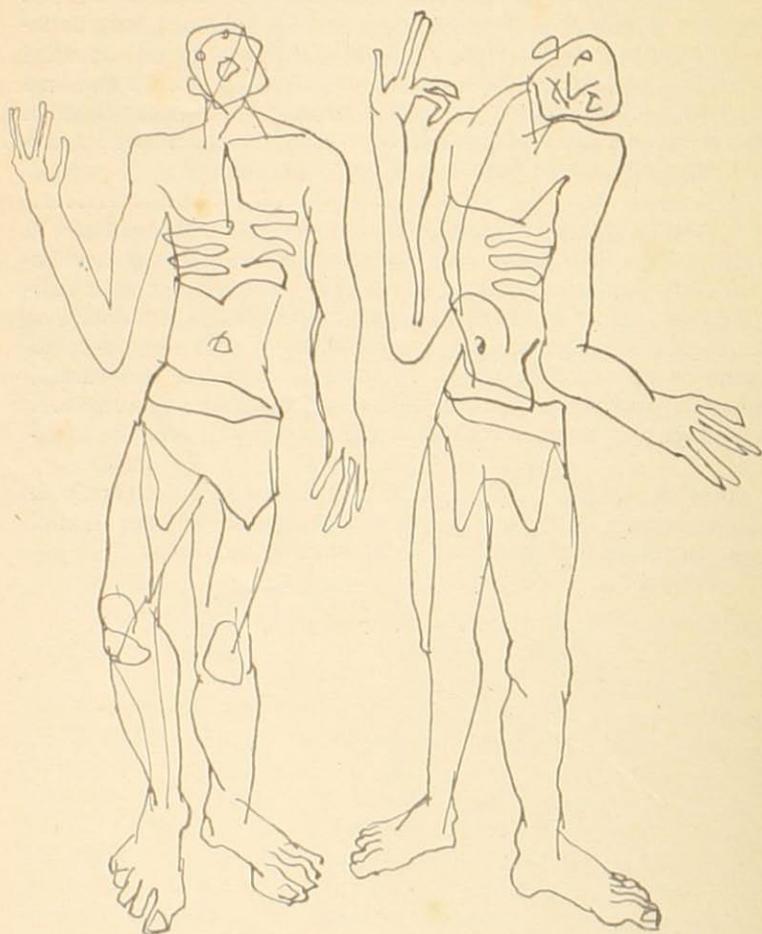
Eu não esperei a resposta. Desliguei-me dos olhos negros e joguei a capa sôbre o ombros, enquanto caminhava para o embarque. Fui devagar, não tinha muita pressa de entrar no avião. Procurei a ficha cinza e esperei uma voz, que me pareceu muito desagradável, terminar, no alto-falante, u m "boa viagem". Quando entrei, já as mulheres da boneca estavam sentadas no primeiro banco. A senhora que parecia não gostar do azul do céu e a dama do chapéu branco e preto acomodaram-se bem mais atrás. Juntaram-se, à frente, os indivíduos que falaram do cabaré, do bomboleio, e dos instintos maternos. Eu, quando me vi sentado, estava no banco lateral ao que levava Maria, coincidência que desisto de explicar. O que é certo é que mal o avião decolou, fui à procura daqueles olhos que me poderiam guiar em um novo passeio. E eles, assim que os motores se acertaram, lá por cima começaram a bailar; correram pelo teto, jogaram-se pela janela, voltaram, depois pensaram no chão, nos passageiros, em mim, e finalmente foram projetar-se para a frente, num pouso mais

demorado. Excusado dizer que fitavam a boneca. Esta, de pé, e virada para os passageiros, demonstrava uma intenção teimosa e cínica de suas donas, inteiramente preocupadas, agora, em atender a umas discretas piadas que os vizinhos lhes dirigiam. A custo, uns dōces e umas balas conseguiram roubar os olhos de Maria. Eu, nos intervalos, li alguns trechos do jornal. Depois, chegou a hora de tapar as narinas e os ouvidos, conforme ensinava o cartaz. Assoprei com fôrça, desapertei o cinto e tratei de descer. Os olhos a que me acostumara, ainda guardavam aquela expressão de estarecimento. Deles, levei, sem fazer qualquer esforço para isso, essa última impressão. Vi-os ainda entrar num auto, e desaparecerem.

.....
À noite, andei pela cidade, com despreocupação de turista. Vi muitas coisas e fiz outras tantas. Mas em cada luminoso que acendesse, em cada farol que piscasse, ou em cada estrêla do céu (nos bairros escuros a gente as vê, nitidamente) eu percebia, num relance, os olhos de Maria. A boneca... a quadragésima — seria — ou a centésima que a menina abraçara... a primeira, talvez, que desejasse... a única que lhe arrancaram das mãos... a boneca tôda de branco... os sapatinhos da menina também... até um pouco do chapéu da senhora...

Antes de dormir, eu ainda os vi pela última vez. Foi depois de apagar as luzes e de sentir muito sono. Eles apareceram bem abertos, negros, aturdidos a perguntarem teimosamente, no escuro:

— Porque?... Por que?...



— João Aires
out 51

Desenho de João Aires

FLORES

Aníbal Nunes Pires.

Da janela do meu escritório, vejo sair a vizinha que mora defronte a minha casa. Ela e dois filhos pequenos. Crianças ainda. De preto, sobraça grande quantidade de lírios e a menina, vestida de branco, um bouquet de margaridas.

Finados... e são flores para os mortos. Há um espreme-gatos de pensamentos na minha cabeça; o cérebro trabalha e as idéias fogem. Frases soltas, fatos distantes, poemas, personagens surgem e desaparecem ininterruptamente:

... "as flores enfeitam a vida assim como enfeitam a morte" ... "na mulher não se bate, nem com uma flor" ... "flores para los muertos, coronas, flores para los muertos" ... "é uma terra de amores alcatifada de flores" ... "olhai os lírios do campo eles não tecem nem fiam" ... "respira a alma inocência com perfumes a flor" ... Flores... Flores...

— A braçada de lírios impede-a de fechar a porta com desenvoltura; as duas crianças, alegres e felizes, descem as escadas, para a rua, como se corressem ao encontro do papai, na volta de longa viagem. A mãe lhes dissera que iam ver o pai.

— Levanto os olhos, pela segunda vez, e, através da janela, o quadro está livre de figura humana:

A casinha, no alto do barranco atapetado de grama verde, paredes cinza, uma varanda pequena ao lado e uma janela quadrada com flores no parapeito. Chalet modesto, de muito mau gosto, tendo, ao lado esquerdo da parede, o dístico, em letras niqueladas: "MEU RANÇINHO".

Ouçõ agora os gritos do meu sobrinho que brinca com os outros, na chácara: "NEUZA!!! NEUZA; eu escangalho o cemitério de vocês!!! Aquelas crianças, quando voltarem, irão brincar de cemitério também...

... "respira a alma inocência como perfumes a flor" ...

Imagino a viuva, minha vizinha, à beira do túmulo. Algumas lágrimas e uma prece, depois um lírio aqui outro ali, alguns amarrados ao pé da cruz. As crianças brincam e correm entre as sepulturas, enquanto ela retira o capim e as ervas daninhas que cresceram naquele mês. Relembra, lacrimosa, toda a sua vida em comum: Aqueles dias em que o Joãozinho chegava em casa de madrugada cambaleando... as brigas e bofetadas... Ele lhe dera tapas na cara e ela lhe dissera que nunca o perdoaria.

... na mulher não se bate, nem com uma flor...

— O Joãozinho, nome por que era conhecido, apresentava-se franzino porem mau; trabalhador porem amante das farras noturnas. Uma tuberculose assaltou-o e em três dias o levou. Lembro-me ainda

da sua morte: Eles estavam sós. Minha irmã ouviu gritos. Correu lá e foi quem lhe fechou os olhos. Ela é mulher forte, gorda. Tipo germânico, dobrada. Fala atrapalhado, alto e ligeiro. Parece que está sempre brigando quando fala. Dada ao trabalho, a muito custo reformara o Joãozinho que construira uma casa de madeira nos fundos do quintal e montara uma espécie de tinturaria. Depois da morte do Joãozinho, a Ana transformou a tinturaria em casa de aluguel. Continua a lavar roupas, a fazer pastéis por encomenda e a vender as flores do seu jardim...

... meu senhor eu vendo flores, flores...

— Ei-la, levantando-se bojuda, da borda da sepultura, chamando os dois filhos e fazendo um corte nos seus pensamentos, volta-se para a vida presente. Gente pobre não tem tempo de pensar no futuro.

— Não a vi chegar. Tenho certeza, porém, que, em caminho, já estava pensando no que iria fazer. Abriu a porta, mudou de roupa o mais depressa que pode e haja a trabalhar. As crianças não foram brincar de cemitério, o menino tomou a incumbência de entregar roupas pela vizinhança e a menina foi molhar as flores...

... flores para los muertos...

Sob o teto, de "Meu Ranchinho" a vida corre normal, simples, trabalhosa mas sem as antigas tragédias conjugais. As crianças, cedo ficarão homem e mulher porque a vida sem infância, envelhece depressa. O botão de rosa desabrocha naturalmente, não há necessidade de forçar as pétalas sensíveis para abri-lo... e a vida amargurada dos pais mata a infância dos filhos.

Preocupo-me com o futuro das crianças da vizinha e, na bola de cristal da minha imaginação, eu distingo gestos angustiados e tragédias chocantes: O menino crescendo e conhecendo as ásperas facetas da vida, sem compreender mas aprendendo ligeiro. Da entrega da roupa, surge a fascinação do farfalhar das notas novinhas ou o tilitar das moedas douradas; a venda dos postais, nos cafés do mercado, o contato com gente rude, que não tem consciência da sua rudeza pois a vida é aquilo mesmo para eles, vão ensinar-lhe os nomes feios e as malcriações tôdas. Quando o sexo despertar, com tôda a força da sua eclosão ele roubará dinheiro e, se a mãe o admoestar, ele terá facilidade de mandá-la à merda. A mãe não há de compreender, teve a mesma educação, e confundirá mais aquele coração que necessita de ternura e compreensão. A menina, vejo-a marcando, primeiramente, encontros inocentes com os primeiros namorados, depois, prostituindo-se nas sombras da nite, atendendo às forças instintivas e às paixões violentas. Humanas.

Flores mortas, flores murchas, fustigadas pela ventania...

— Eu sou pessimista. Nada disso acontecerá. As flores ainda crescem, nos campos, nos montes e também no lodo.

... "olhai os lírios do campo, eles não tecem nem fiam e..."

REFLEXO DE UMA TRAGÉDIA

Arnaldo Brandão

Estava sentado em um banco de jardim, numa suave manhã de domingo, olhando o céu, o ar, o não sei que de infinito que se estende diante de nós.

Um homem de aspecto agradável, parecendo, por vezes, um operário e, por outras, um colegial, um jovem que estivesse aproveitando o sol e deixando que suas idéias se perdessem naquela sinfonia de cores matinais, veio sentar-se junto de mim.

Foi êle quem primeiro falou. Resmungou qualquer coisa a respeito do dia. Palavras meio confusas. Quiz tomá-lo por um débil, um desequilibrado, dêsses que abundam nas praças e nos jardins, tão inquieto e fugidios era mos seus olhos. Olhar de quem traz a consciência pesada. Foi quando me despertou a curiosidade. Forcei o assunto, fazendo com que o estranho se dilatasse na conversa. De bom grado êle aquiesceu. Na maior parte das vezes, falava com os seus olhos fincados no chão, e, assim, também, respondia ao que lhe perguntava.

Pouco a pouco, aquela fisionomia conturbada de operário com ares de estudante, foi, se acalmando. Os olhos tomaram uma doçura invulgar. As palavras desdobravam-se agora claramente e, a voz tornou-se, suave e fresca, de acôrdo com aquela adocicada manhã.

Foi êle também quem principiou a falar de sua vida. De um jato me contou tudo. Apressadamente, como quem se confessa de algum crime, e tem necessidade de lancetar a própria alma, para deixar fugir dela, o virus que a está destruindo.

— Era um chofer. Dirigia um ônibus dêsses que fazem a linha de um extremo ao outro da cidade. Gostava de correr. Embriagava-me com a volúpia da velocidade. O veículo era moderno, grande e obedecia-me inteiramente, como se fôsse um submisso corcel. Durante as noites faiscava pelas avenidas e ruas dos bairros. De dia, reluzente e colorido, devorava as pistas asfaltadas dos trajetos que tinhamos de percorrer.

Para um jovem, nada mais emocionante do que possuir um carro e poder, ao apertar o acelerador, dar nêle tôda a expansão da sua mocidade.

— E corria e voava pelas ruas da cidade... Surdo às recomendações, indifentes as admoestações da emprêsa, lá me ia em tremendas disparadas, como se fôsse um meteóro, girando na longa faixa acinzentada.

Um dia porém, minha vida mudou. Mudou totalmente. Muito embora tivesse nascido um dia comum, idêntico a todos os dias, uma vulgar manhã, a mesma manhã de sempre, com os mesmos hábitos, com os mesmos detalhes de chegar à oficina, tomar a papeleta de con-

trôle, assinar o ponto, displicentemente, sentar-se no volante, pôr marcha a ré, tirar o carro da garagem, coisa tão repetida, coisa tão banal, teria um desfecho, um final triste que redundaria em todo o meu fracasso...

Não fôra aquele automóvel de luxo co meapota conversível e paralamas luzidios e nada teria acontecido. Quis desviar-me dêsse carro. Evitar que o ônibus comprimissem os para-lamas tão novos e cintilantes. Por isso, torci a direção e não vi o homem que, no momento, atravessava a minha frente, vindo da lreita. Chocou-se contra o farol do lado direito, e caiu por baixo da roda dianteira que o jogou para trás, sendo imediatamente alcançado pela roda trazeira.

Um contrôle de nervos inexplicável, uma situação calma, onde a presença de espírito agiu independentemente, fêz com que freiasse o veículo e retivesse violentamente a sua marcha desesperada.

Era tarde. Desci para constatar o acidente. Não tive coragem de ver o que havia se sucedido. Apenas, notei algo branco e muito sangue, um verdadeiro embrulho ensanguentado, contorcido sob a roda de trás. Perdi a calma. Senti-me desesperado, quis gritar, quis correr mas senti uma fraqueza esquizita, uma falta de forças, como se fôsse desmaiar. Chorei abundantemente. Num abrir e fechar de olhos, juntou-se à volta do ônibus, uma quantidade enorme de pessoas que perguntavam o que havia acontecido, e saíam horrorizados, alguns se acocoravam para ver o morto e quando levantavam o rosto, mostravam-no literalmente transformado. Outros ao receber a notícia da tragédia, abandonavam o local. Fugiam dali horrorizados! Fugir dali... era o que eu desejava fazer. E fiz. Aproveitei um pouco a confusão e, como quem procura algo, tateiei por entre o povo e desapareci. Ninguém me deteve, coisa estranha! Muito embora a onda de revolta que crescia contra o chofer, sempre culpado, mesmo assim, ninguém me seguiu. Tomei uma rua transversal. Peguei o primeiro bonde que passava e procurei, num banco central, esconder-me do povo, o mais que podia. Não ousava encarar ninguém, em tôdas as fisionomias, via censura. Lia nos olhos dos homens uma tremenda acusação, até mesmo, a inocente criancinha no colo de uma ama, lançava-me fulminantes olhares de reprovação. Fui até ao fim da linha. Iria mais longe se, por acaso, o veículo o fôsse. Voltei com êle até a metade do caminho. A aproximação do local do desastre me encheu de pavor e saltei no primeiro ponto. Foi quando principi a caminhar. Estou assim, caminhando, há três dias. Não voltei mais para casa. Uma pensão escura lá no fim de um subúrbio. Tenho medo que estejam me buscando e, com tôda a certeza estarão!... Comprei um jornal e li, entre soluços, o acontecido. Falava de um senhor atropelado que teve morte violenta sob as rodas de um ônibus que corria à tôda velocidade. Era um senhor de posição porque teciam largos comentários à sua pessoa, os quais não me foram possíveis

guardar. Falava de mim... O chofer evadido que se aproveitou da confusão para fugir... Referia-se à polícia que andava a minha procura e à empresa que não se responsabilizava pelos eventuais acontecimentos.

Li, às pressas, o noticiário e joguei incontinentemente fora aquele matutino que me pesava nas mãos, como se estivesse nêlo, todo o pêso da minha desgraça.

Agora, vago por aí... Qual um assassino foragido de sua sela, assim sou eu, perambulando pela cidade, pequena demais para me esconder.

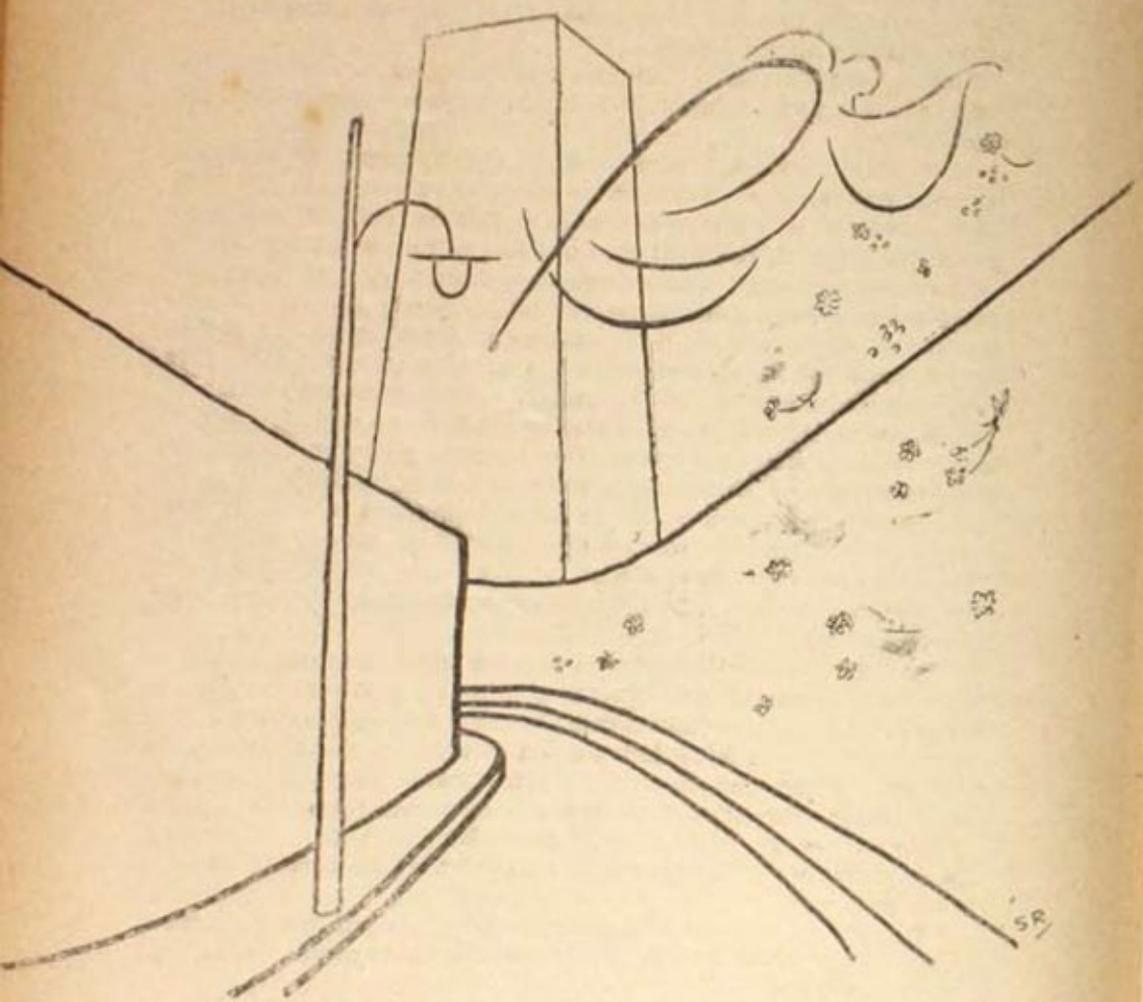
Não encontro sossêgo, nem tranquilidade. O remorso me atormenta todos os instantes. Sinto-me, às vêzes, o responsável por tôda aquela tragédia. Relembro o desespero da família, o choque da espôsa ao receber a notícia (o jornal dava que êle era casado e tinha filhos), vem ao meu espírito o quadro angustioso das crianças ao verem chegar em sua casa, a ambulância fúnebre, trazendo o corpo daquele que partiu alegre e cheio de promessas. E começam as divagações: Talvez, fosse um pai que sâsse para o trabalho ou, quem sabe, para fazer alguma compra ou, até mesmo, procurar alguma surpresa, algo alegre que trouxesse para suas crianças... E penso seguidamente. À noite, as idéas são mais negras. Vejo sombras taciturnas, ameaçadoras, vultos que me acompanham como se fossem inúmeros espectros do criminoso que roubou a vida de um homem sadio e cheio de esperanças. De um momento para o outro, tornei-me, um ser repudiado. Talvez que não seja condenado, se me levarem ao tribunal mas, como conseguir apagar esta lembrança do meu pensamento? Como continuar a exercer a minha profissão?...

Quis abrandá-lo. Pretendia dar-lhe conselhos, procurar tranquilizá-lo, fazendo-lhe ver que não era o primeiro. Que desastres iguais a êste, se repetiam continuamente em tôdas as grandes cidades, mas foi inútil. O jovem falou tudo de um só arranco. Falava e chorava ao mesmo tempo. Quando terminou bruscamente, lançou-me um olhar de profunda desconfiança, uma névoa de temor toldou-lhe o olhar de homem desconsolado e quando abri a bôca para falar, novamente, êle se levantou rapidamente e saiu espavorido, não ousando sequer olhar para trás.

Quando me refiz daquele gesto inesperado e procurei encontrá-lo com o olhar, não vi mais nada. Nem sei como consegui desaparecer tão vertiginosamente.

À volta de mim, o mesmo sol dominical, muito louro e muito quente. As árvores, as flores da praça e o bando de crianças irrequietas, cantando e pulando...

Rio, 9/9/52.



Desenho de Santa Rosa

O CONTO ESTRANGEIRO

ORPHEU

Orlando Távora

Na noite o silêncio era mais fundo. Talvez o silêncio não tivesse mesmo côr. Mas para êle o silêncio era vermelho. Vermelho como os mudos lábios pintados da prostituta da Taberna. Ou, talvez, o silêncio não tivesse aquele tom certo e grosso que se alargava por todo o rosto da meretriz. Não. Devia ser incerto, esfarrapado, esfiado como as manchas vermelho-negras que êle escarrava nas ruas e nos mic-tórios. Sempre que escarrava pairava o silêncio no seu peito e no ambiente. Na rua escura, com estrelas longe, sob qualquer plácido candieiro, um escarro vermelho no chão era pincelada rembrantesca impregnada de silêncio. Silêncio profundo, silêncio pisado, silêncio esmagados pelos seus passos ecoando pela viela em fora. Rua escura. Beco que os seus pensamentos enchiam.

Um gato preto também era silêncio. Olhos verdes parados. Estrelas no chão. Nem menina feia à janela. Menina feia é ainda mocidade. Na rua escura, viela de qualquer caminho, não há mocidade. Caminho longo e pesado e custoso. Nem os gatos namoram nem os cães teem lixo para varejar. O silêncio pende e escorre viscoso. É ópoio. Entorpece, envelhece, mata. Enoja. O silêncio pára. E as horas são bem sem côr.

Abrupta, a luz difusa corta a rua. É a fronteira. Para aquêm nada. Silêncio, um gato preto, um candieiro a suicidar-se em trevas. Sangue vermelho escarrado de onde em onde. Ruínas nas paredes, ruínas nas pessoas. Para lá de cada postigo os corpos são de febre. Não se apertam. Afastam-se. Corpo morto não tem sexo.

Para além, há faustos de luz. Há casas com portas. Para lá de cada porta há corpos lavados, morenos e níveos também. Alvos lençóis de linho se mancham e se amarfanham. O vinho transborda contente. Há grãos de arroz numa toalha trabalhosamente bordada. No chão, migalhas de pão. Sorrisos branquejam rostos. Até apetece gritar. Quê do silêncio? Os cães rondam lixos. Os gatos amam-se ruidosamente. E as telefonias envolvem o silêncio, aniquilando-o. No passeio não há escarros vermelhos porque o passo cadenciado dum pesado guarda rasga o silêncio dos peitos esfacelados.

Aqui é a fronteira. Para cá nem menina feiosa à janela, para lá não há meninas feiosas e os namorados trepam a varandins rendilhados.

Mas aqui, aqui é a fronteira. Abrupta, a luz difusa corta a rua. É a luz da Taberna.

Um último escarro para o escuro, um gingar de ombros e um frágil pontapé à porta. Transposto o umbral, pára a habituar os

olhos à luz mortíça. O silêncio vermelho morrera à porta. Vivia agora na imagem dos lábios grossos e vermelhos da meretriz que divisava ao fundo, atrás daquele fumo vivo, mais vivo que os fumos mortos que rondavam a luz suspensa do teto. Tabaco. Uma náusea. Cheirava a peixe frito. Sorriu calma e seguramente para a mulher. Sim, e então? Uma mulher — como outra! Um substantivo pessoa. Os adjectivos nunca vestiram uma nudez. Não era pura e santa como as mãs? Terra maninha também pode frutificar. Prostituta? Dona? E então aquela carne, aquela massa espiritualizada? Era um ser humano. Por isso sorriu calma e seguramente para a mulher. No seu corpo já não havia apetite. A alma transbordava de fraternidade apenas. Serenidade beatífica da compreensão. Atrás daquela cortina de fumo do cigarro, para além dos lábios grossos e vermelhos como o silêncio (talvez o silêncio não tivesse mesmo côr...) havia interrogações que lhe amarfanhavam o espírito. Mas ele sabia proféticamente responder àquelas interrogações. Sabia. O espírito dos poetas é iluminado. Borbotões de esperança ballaram-lhe nos lábios finos que se abriram num sorriso calmo e seguro.

A mulher envolveu-o no único olhar que êle mereceu: O Poéta! E os lábios vermelhos alongaram-se ajuizadores e experientes numa baforada.

Sentou-se. Volveu lentamente os olhos límpidos e febris para a multidão. Adorava as multidões. Aqueles' conhecia-os, irmanados pela fraternidade da Taberna. Eram inimigos. Havia patrões e empregados. Senhores e escravos. Burgueses e operários. Monárquicos e republicanos. Cristãos e ateus. Brancos e pretos. Machos das mesmas mulheres, pretendentes às mesmas donzelas. E havia a luta aparentemente irreconciliável pelo mesmo lugar ao sol. Mas, a Taberna era república anárquica. Havia fraternidade. E a todos unia solidariamente o amor daquela meretriz de lábios vermelhos e o vinho do taberneiro. O Poeta pensava. Ele não era de Hoje nem de Ontem. Era de Amanhã. Não davam por êle.

Deixou cair o olhar cansado sobre o taberneiro. Estava gordo, rubicundo, sorridente. Um mal cheiroso suor escorria-lhe do rosto. Deitava água no vinho! Envolveu-o num olhar de simpatia. A multidão crescia. Cresciam também as palavras, o fumo do tabaco e o cheiro a peixe frito. Uma tosse seca apertou-lhe a garganta.

O Poeta sorriu. Sorria para a lâmpada fosca donde pendiam fumos. Olhou a multidão que discutia. Olhou o taberneiro que deitava água no vinho. Olhou a mulher dos lábios vermelhos. Havia confiança na serenidade dos olhos que mediam os espaços da Vida. Tossiu. Os lábios finos ficaram-lhe vermelhos de sangue. Contraíu-se num sorriso bom, de serenidade confiante.

E olhando a lâmpada baça que em silêncio escorria do teto baixo e escuro, começou a CRIAR. Era um Poema, um novo poema de

alento e de esperança, um poema da madrugada, que nunca chegou a escrever.

Na noite, o silêncio era bem mais fundo. Talvez o silêncio não tivesse mesmo côr...

E os versos brotavam quentes e palpitantes do sangue que lhe afluía aos lábios!

... era um novo Poema da Madrugada...

Luana (ANGOLA)

Luanda (ANGOLA)



Desenho de O. Goeldi

UM NATAL ALEGRE PARA OS FILHOS DOS COMERCIARIOS

A Tradicional Festa de 25 de Dezembro, Patrocinada Pelo Sesc, Constituiu Mais Uma Vez, Um dos Momentos de Maior Felicidade Para a População de Florianópolis. — Um Belo Gesto dos Srs. Dr. Charles Edgard Moritz, Presidente do Conselho Regional do Sesc e Senac, e Professor Flávio Ferrari, Seu Respectivo Diretor, Contratando o "Teatro Infantil de Pituca" Para Animar a Festa dos Filhos dos COMERCIARIOS

Os filhos dos comerciários de Florianópolis, todos os anos, por iniciativa do serviço Social do Comércio, através da presidência e diretoria do Conselho Regional do SESC e SENAC, ocupadas com dinamismo e produtividade pelos srs. dr. Charles Edgar Moritz e professor Flávio Ferrari, reúnem-se no Teatro Alvaro de Carvalho, para uma bela festa de confraternização.

A tradicional festa, realizada sempre no dia 25 de dezembro, comemorando o NATAL DO FILHO DO COMERCIARIO, de ano para ano, torna-se mais atraente e mais completa.

Nela há de tudo que a população possa imaginar: alegria, doces, bombons, brinquedos e musica.

Tem sido assim, todos os anos.

A porta, os srs. Charles Edgard Moritz e professor Flávio Ferrari, coajuvados por funcionários do SESC e SENAC, atendem a todos com a mais simpática acolhida, numa perfeita confraternização de sentimentos. Procurando sempre melhorar o NATAL DO FILHO DO COMERCIARIO, no ano de 1952, o Conselho Regional do SESC e SENAC não poupou esforços no sentido de oferecer às crianças uma novidade, aumentando-lhes o interesse em torno da sua maior festa.

Contratando o "TEATRO INFANTIL DE PITUCA", pôde reunir mais de mil filhos de comerciários para um espetáculo teatral de grande originalidade, intitulado "E O CIRCO CHEGOU".

Começa o espetáculo!

O cenário é a primeira coisa a provocar um desabafo de surpresa.

Muito sugestivo, no formato de uma tenda, decorado com cabeças de palhaço, elefantes, leões, focas amestradas, tinha cores brilhantes, bem combinadas. É da autoria de PITUCA e está muito bem concebido.

Como não podia deixar de ser, em se tratando de um circo, comparece a Fu-

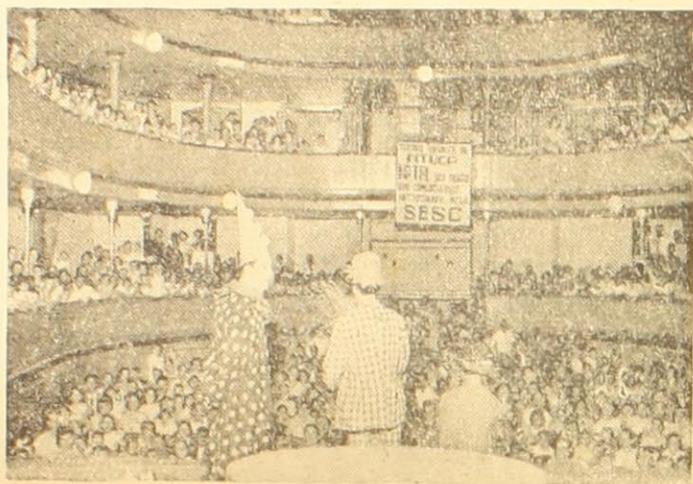
riosa, bandinha sob a regência DD MARIA, e a garotada recebe-a com enorme salva de palmas.

Depois, vem os guisgas, o palhaço Tatá, Mr. Chang, o Mágico, e Miss Mary; Eraclia, o Paquir Internacional, a Orlafa Acordeonista, o Capitão Zurka, notável malabarista e equilibrista; e, finalmente, Totó, o menor palhaço do mundo e Tutu, última e vitoriosa criação de PITUCA, o ídolo da criançada.

Foi um desfile maravilhoso para en-



Pituca — O Ídolo da garotada

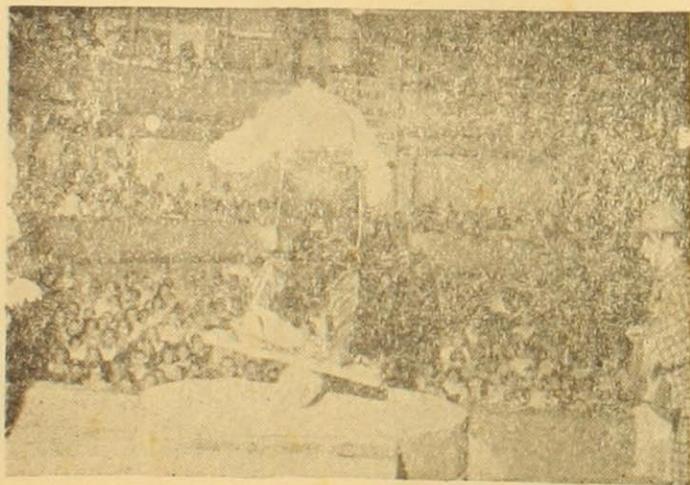


Tatá, Tutu e Totó admirados com a casa cheia

cantar a platéia, que, a cada aparição, aplaudia entusiasmadamente.

Os numeros executados com grande perfeição e muita comicidade, estiveram a cargo de elementos do nosso

teatro amadorista, com exceção do Faquir Eraclis, dentre os quais destacamos Martinelli, Maria Alice, Waldir Brasil Aldo Gonzaga, Palmeiro da Fontoura, Silvio V. Pereira.



Sensacional numero do Capitão Zurka



Quem quer fazer um goal?

RECEBEMOS E AGRADECEMOS: —

Revistas:

Revue de la Politique Mondiale — Ano III — nº. 16 — agosto; nº. 17 — setembro; nº. 18 — setembro; nº. 19 — outubro. — Belgrado — Iugoslávia.

Itaquatiara — jornal mensal — Ano I — nº. 1 — setembro de 52 — São Paulo.

Catálogo do 1º Salão Internacional de Arte Fotográfica — Associação Rio-grandense dos Fotógrafos Profissionais — maio de 1952 — Porto Alegre — Rio G. do Sul.

O Reflexo — Revista da Juventude Israelita Brasileira — nº. 22 — julho — agosto de 52 — São Paulo.

Revista da Guaira — Ano IV — nº. 40 — setembro. — nº. 41 — Outubro — nº. 42 — nov. — Curitiba — Parana.

Arte Madi Universal — Órgão Oficial do Movimento Madimensor — Publicação quadrimestral de arte não figurativa — nº. 2, outubro de 48 — nº. 3, outubro de 49 — Buenos Aires — Argentina.

Boletim do Serviço Iugoslavo de Informações — nº. 2, outubro de 52 — Rio de Janeiro — DF.

Boletim Música Y Artes Visuales — Departamento de Assuntos Culturais — União Panamericana — nº. 28 — junho — nº. 29-30 — Julho-agosto de 52 — Washington — USA.

Alavanca — jornal mensal — órgão defensor dos trabalhadores Gráficos — Ano I — nº. 2 — outubro de 52 — nº. 3 — Novembro — Florianópolis, Santa Catarina.

Boletim Foto-Cine — Órgão Oficial do Foto-Cine Clube Bandeirante — Ano VII — nº. 74 — junho — nº. 75 — julho de 52 — São Paulo.

Caicara — mensário de Letras e Artes — Ano II — nº. 13 — Setembro — nº. 14 — outubro de 52 — Marília — S. Paulo.

Ler — jornal de Letras, Artes e Ciências — Ano I — nº. 1 abril — nº. 2 —

maio — nº. 3 junho — nº. 6 setembro — nº. 7 — outubro — nº. 8 — novembro — Lisboa — Portugal.

Américas — Revista Mensal da União Panamericana — ol. IV — nº. 3 — março de 52 — Washington — USA.

Itinerário — publicação mensal de letras, arte, ciência e crítica — Ano XI — nº. 121 — março — nº. 122 — abril/mayo — nº. 123 — junho-julho de 52 — Lourenço Marques — Moçambique.

Neves e Sousa — catálogo da exposição de pintura de Albano Neves e Sousa, no salão nobre do Clube do Niassa — Agosto-setembro de 52 — Nampula — Africa Portuguesa.

Noticiário Vera-Cruz — Cla. Cinematográfica Vera Cruz — nº. 29 — agosto. — nº. 34 — outubro de 42 — São Paulo.

Boletim Bibliográfico AGIR — Ano IV — nº. 1 — Setembro de 52 — Rio de Janeiro.

Programas do Clube Português de Nematografia — Cine Clube do Porto — nºs. 120 a 124 e nºs. 3 a 5 (infantil) — Porto — Portugal.

The Hudson Review — Volume V, — nº. 3 — Outono de 1952 — New York — USA.

Flama Reporter — As últimas notícias dos estúdios e das produções. — Ano 1 nº. 1 — outubro, 52 — Rio.

Livros:

Jardins Suspensos — poemas — Herani de Lencastre — Tavira — Portugal — 1952.

A Herança — poemas — Marcos Konder Reis — Irmãos Pongetti Editores — Rio de Janeiro — 1951.

Maré Alta — contos — José Loureiro Botas — Lisboa — 1952.

Manhã — poemas — Eglé Malheiros — Cadernos "Sul" — II — Florianópolis, 1952.

**CLÍNICA E CIRURGIA DE OLHOS,
OUVIDOS, NARIZ E GARGANTA**

— do —

DR. J. J. BARRETO

(Formado pela Faculdade de Nacional de
Medicina da Universidade do Brasil)
Doenças e operações (olhos, ouvidos, nariz e
garganta).

Refração (para uso de oculos).

Angioscopia retiniana (Classificação
das hipertensões).

Chefe do Serviço Médico da Assistência Social
de Diretoria Regional do Departamento dos
Correios e Telégrafos de S. Catarina
Curso especializado de "CANCER", com os
professores Mário Kroeff e Alberto Coutinho,
do Serviço Nacional do Cancer, do
Rio de Janeiro.

Residência e Consultório: Rua Arcipreste
Paiva, n. 5 (1º andar)

Fone — 1445

N. B.: — Atenderá somente casos das
especialidades.

Horário: Das 14 às 18 horas, diariamente.

COCIMA

Construções, Comércio e In-
dústria de Madeiras

Construções, projetos lotea-
mentos, etc.

Madeiras brutas e
beneficiadas

Fábrica de esquadrias

Beneficiamento de madeiras

Escritório: Ed. São Jorge —

Sala 7

Florianópolis — Sta. Catarina

CURSO BOSCO

Com equipe de professores
especializados

Aulas noturnas a partir de
1º de fevereiro

Artigo 91 — Taquigrafia

Informações na Livraria Lider
(Antiga Rosa)

Florianópolis — Sta. Catarina

DR. WILMAR DIAS

ADVOGADO

R. Vidal Ramos, 73

FLORIANÓPOLIS

SANTA CATARINA

.....

A R T E S T A

LUIZ EDUARDO SANTOS
A R Q U I T E T O

Projetos — Construções — Loteamentos — Decorações

Rua Visconde de Ouro Preto, 58
FLORIANÓPOLIS

.....

DR. ARTHUR PEREIRA E OLIVEIRA

CLÍNICA GERAL DE ADULTOS

DOENÇAS DE CRIANÇAS

Consultório : Rua João Pinto 16, sob.
Residência : Rua Alves de Brito, 20
FLORIANÓPOLIS

.....

CLÍNICA DE CRIANÇAS

DO

DR. M. S. CAVALCANTI

Residência : Consultório :
R. Alves de Brito, 44 — R. Saldanha Marinho, 16
Fone M. 732 Das 3 às 5 horas

FLORIANÓPOLIS

CASA YOLANDA

Matriz
Trajano, 2

Filial
Felipe Schmidt, 2

A Casa que tem de Tudo pelo preço
que lhe convem.

Florianópolis — Santa Catarina

COMPANHIA MADEIREIRA SANTO AMARO
INDÚSTRIA E COMÉRCIO "CIAMA"

Santo Amaro da Imperatriz — Sta. Catarina — Brasil
End. Tel. CIAMA — Madeiras de Pinho em geral
Exportadores para os mercados nacionais e estrangeiros
Cinco Serrarias próprias em Urubici e Bom Retiro
Indústria de Beneficiamento de madeira — Caixas
desarmadas — táboas brutas — cabos de vassoura —
quadradinhos — resserrados aparelhados — fô-ro
paulista — Aplainados.

LIVRARIA E PAPELARIA RECORDE LTDA.

Material de Escritório e Escolar — Artigos para presente

Brinquedos — Revistas — Figurinos

Rua Felipe Schmidt, n. 14 — Caixa Postal, 70

FLORIANÓPOLIS — STA. CATARINA

"UM PAÍS SE FAZ COM HOMENS E LIVROS"
Monteiro Lobato

L I V R A R I A L I D E R
(Antiga "ROSA")

Rua Deodoro, 33-A — Florianópolis

A serviço da cultura e educação da mocidade catarinense.

SUMÁRIO

Entrevistando o crítico Nereu Corrêa ..	— Redação
Nota sobre Graçiliano Ramos	— S. M.
Poetiza do amor	— Octávio Rodrigues de Campos
O conto e seus caminhos	— Augusto dos Santos Abranches
Literatura de cinema	— Antônio da Silva Filho
Cantiga Triste	— Antônio Paladino
O Barco e o Passageiro	— Walmor Cardoso da Silva
Tasca	— José Tito Silva
Poema íntimo	— Anibal Nunes Pires
Quasi Mensagem	— Eglé Malheiros
Soneto sobre um desenho de Degas	— Cesar Tozzi
Poema-Fragmento do livro de Horas-Mor- tas	— Paulo Guilherme D'Eça Leal
Cals	— Noemia de Sousa
Justiça	— Humberto da Silvan
Ahora	— Lalita Brandon
Prélúdio y Canto para mi Soledad De- shecha	— Nêlida Aurora Oviedo
Notas & Comentários	— G. W. S.; S. M.; Mário Pedrosa; W. C. S.; E. M.; Augusto Meyer; Sergio Millet; Redação; Correspon- dentes
Artistas Portugêses — II (Lima de	
Freitas)	— Júlio Pomar
Contistas Novos de Santa Catarina — 3	— Redação
No bar e café "Expresso"	— Hugo Mund Jr.
A boneca	— O. F. de Melo Filho
Flores	— Anibal Nunes Pires
Reflexo de uma tragédia	— Arnaldo Brandão
O conto estrangeiro:	
Orpheu	— Orlando Távora

"Sul" encontra-se à venda

NO RIO

Livraria José Olímpio
Rua do Ouvidor, 110
Livros de Portugal
R. Gonçalves Dias
Livros Franceses
Avenida Presidente Antônio Car-
los, 53.

EM SÃO PAULO

Agência Bandeirante — Rua
Timbiras, 607.
Agência Eclética — R. Líbero
Badaró, 92.
Agência Siciliano, rua D. José de
Barros, 323.

EM JOÃO PESSOA

Agência Distribuidora de Publi-
cações R. Duque de Caxias, 331.

NO RECIFE

Livraria Editora Nacional

EM PORTO ALEGRE

Livraria Miscelânea, Praça da Al-
fândega, 38.

EM BUENOS AIRES

Libreria General de Tomás
Pardo S. R. L. — Maipu, 618.

EM PORTUGAL (Lisboa)

Sucursal do "Diário de Notícias"
— Rossio, 11 — Pina, Livreiros —
Praça de Londres, 5 A.

EM FLORIANÓPOLIS

Livraria Moderna — Rua Felipe
Schmidt.
Livraria Líder — Rua Deodoro,
33-A.

Preço Cr\$ 5,00
Em Portugal 7\$50